

The background of the book cover is a dramatic sky with a bright, glowing sun or light source on the left, creating a warm orange and yellow glow. Dark, swirling clouds are scattered across the sky. In the bottom right corner, a portion of the Earth is visible, showing the curvature of the planet and some landmasses in shades of brown and blue.

Revista Cristã
Última Chamada

Introdução à Escatologia

Frank Brito

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre
preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

Introdução à Escatologia

Frank Brito

Revista Cristã_____

Última Chamada

Coleção Vários Autores

- Edição de Dezembro de 2017 -

Introdução à Escatologia

Autor: Frank Brito

Revista Cristã Última Chamada

Coleção Vários Autores

- Edição de Dezembro de 2017 –

Capa: César Francisco Raymundo

O conteúdo deste e-book é um texto adaptado por Mateus Fonseca no site Arquivo Preterista: www.arquivopreterista.blogspot.com.br

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Dezembro de 2017

Londrina, Paraná,

Índice

Sobre o autor 06

- I. O que é a Escatologia? 07
- II. A Escatologia é Realmente Importante? 15
- III. Princípios de Interpretação 21
- IV. O Tempo está Próximo 25
- IV. A Besta que Subiu do Mar 37
- V. O Culto Imperial 44
- VI. Mulheres no Deserto 60
- VII. Um Povo que Não se Chamava pelo Meu Nome 80
- VIII. Eleitos de Deus 92
- IX. Fogo do Altar 97
- X. O Mistério de Deus 114
- XI. Caiu! Caiu a Grande Babilônia! 118
- XII. Os Mil Anos 124
- XIII. As Duas Ressurreições 143

Obras importantes para pesquisa... 152

Patrocine esta obra 155

Sobre o autor



Frank Brito é formado em Teologia na instituição de ensino *The North American Reformed Seminary*. É também administrador do site *Resistir e Construir*.

O QUE É A ESCATOLOGIA?

“Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos”. (I Coríntios 10:11)

A palavra escatologia tem origem na língua grega. O sufixo *logia* significa “estudo” e *eschaton* significa “último”. Assim, a “escatologia” significa “o estudo das últimas coisas”. A origem dos termos baseia-se em passagens da Escritura que se referem aos “últimos dias”, “últimos tempos” e “última hora” (cf. Dt 4.30, Is 2.2, 9.1, Dn 2.28, At 2.17, I Co 10.11, I Jn 2.18). Refere-se ao ramo da teologia que estuda o propósito último de Deus tanto para a humanidade quanto para o universo como um todo.

A escatologia cristã divide-se em dois ramos principais: a *escatologia geral* e a *escatologia individual*. Questões referentes à condição do indivíduo, entre a sua morte e ressurreição final, pertencem ao ramo da *escatologia individual*. São consideradas questões como a imortalidade da alma, a morte física e a condição intermediária de sua alma até a ressurreição final. Já a *escatologia geral* considera os eventos proféticos pelo qual a história do mundo e da raça humana chega a sua consumação final.

Quanto à **escatologia individual**, a Confissão de Westminster¹ resume a perspectiva que é praticamente unânime entre os protestantes:

“Os corpos dos homens, depois da morte, convertem-se em pó e vêm a corrupção; mas as suas almas (que nem morrem nem dormem), tendo uma substância imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus aonde veem a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão, em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final. Além destes dois lugares destinados às almas separadas de seus respectivos corpos as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar... No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão mudados; todos os mortos serão ressuscitados com os seus mesmos corpos e não outros, posto que com qualidades diferentes, e ficarão reunidos às suas almas para sempre... Os corpos dos injustos serão pelo poder de Cristo ressuscitados para a desonra, os corpos dos justos serão pelo seu Espírito ressuscitados para a honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso dele”.²

¹ A Confissão de Fé de Westminster é um documento protestante produzido pela Assembleia de Westminster na Inglaterra entre 1643 e 1648. Trata-se de uma exposição das principais doutrinas bíblicas conforme professadas principalmente por igrejas presbiterianas e reformadas ao redor do mundo.

² Confissão de Fé de Westminster, Capítulo 32, seção 1. A Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, que se baseou na Confissão de Fé de Westminster, contém as mesmas palavras no capítulo 31.

Quanto à **escatologia geral**, existem *algumas* coisas sobre as quais todos os genuínos cristãos concordam, pois a Bíblia coloca como **doutrinas essenciais**, e existem coisas sobre as quais não existe um consenso na Igreja, mas que, se discordarmos, nós não deixamos de ser cristãos por isso. As doutrinas da escatologia geral que a Bíblia coloca como *essenciais* são:

- 1) O segundo advento (Mateus 24:30; Atos 1:10-11; I Tessalonicenses 4:16)
- 2) A ressurreição dos mortos (I Coríntios 15:21-23, 51-55)
- 3) O Juízo Final (Mateus 13:40-43; **16:27**; 25:31-46; Atos 17:31; II Coríntios 5:10; Apocalipse 20:11-15)
- 4) A vida eterna nos Novos Céus e Nova Terra para os que foram salvos (Mateus 25:46; Apocalipse 21:1-7).
- 5) O tormento eterno no inferno para os reprovados (Mateus 25:46; Apocalipse 21:8-8)

Aqueles que negam qualquer uma dessas cinco verdades da escatologia geral, não podem ser considerados cristãos. Em I Coríntios 15:16-18, por exemplo, Paulo argumenta que aqueles que negam a realidade da ressurreição corporal, estão negando a própria fé cristã. Por outro lado, há questões na escatologia geral que, se discordarmos, nós não deixamos de ser cristãos por isso, continuamos sendo irmãos, são questões **secundárias**.

Sobre essas questões *secundárias* da escatologia, todas as linhas de interpretação costumam ser categorizadas pelos teólogos com base em **duas** questões principais. Essas duas questões são as mais importantes porque **a maneira com que essas duas questões são respondidas é fortemente decisivo para a maneira com todas as outras principais profecias da Bíblia são interpretadas**:

1) Quando a maioria das profecias do Apocalipse deveriam se cumprir?

Sobre isso, há **quatro** correntes principais:

Futurismo

O Futurismo é a corrente de interpretação do Apocalipse mais difundida entre as igrejas brasileiras. Ensina que a grande maioria das profecias do Apocalipse irão se cumprir no futuro, logo antes do fim da história, alguns anos antes da Segunda Vinda de Cristo.

Historicismo

O Historicismo já foi muito popular no passado, mas não mais tão popular hoje, nem no Brasil e nem em lugar nenhum do mundo. Ensina que as profecias do Apocalipse se cumprem no decorrer de toda a história, nos grandes eventos da humanidade, desde a primeira até a segunda vinda de Cristo.

Idealismo

O Idealismo não é tão popular, mas está crescendo cada vez mais. Ensina que as profecias do Apocalipse não se referem a eventos *específicos*, mas retrata simbolicamente a guerra entre o bem e o mal em todas as eras. Não existe a preocupação em identificar concretamente quem são os personagens e eventos representados pelos símbolos do Apocalipse, pois não acreditam que se referem a pessoas e eventos específicos, somente símbolos genéricos.

Preterismo

O Preterismo é, possivelmente, a corrente escatológica que mais cresce hoje e ganha popularidade no Brasil e ao redor do mundo. Ensina que a maioria das profecias do Apocalipse se cumpriu no passado, poucos anos depois que o Apocalipse foi escrito, ainda no primeiro século. Essa é a corrente que será defendida nessa apostila.

2) Qual é a correta interpretação dos “mil anos” de Apocalipse 20?

Sobre isso, há três correntes principais de interpretação:

Pré-Milenismo

O pré-milenismo é a corrente escatológica mais difundida entre as igrejas brasileiras em nossos dias. Defende que a maioria das profecias do Apocalipse se cumprirá um pouco antes do fim do mundo e baseia-se numa leitura literal de Apocalipse 20. Costumam defender também que no decorrer da história até a Segunda Vinda, há um aumento progressivo de pecado, sofrimento, desastres naturais, guerras e perseguições aos fiéis, até que, por fim, a personificação de toda a iniquidade se manifestará na pessoa do Anticristo. Depois que ele tiver consumado o domínio da iniquidade no mundo, acontecerá a Segunda Vinda de Cristo em triunfo para estabelecer um reino de mil anos na terra. Os santos mortos ressuscitarão com os corpos glorificados, mas não os ímpios. O reino será inaugurado pela prisão de Satanás de maneira que ele não possa mais exercer qualquer influência sobre a terra. Jerusalém será restaurada e servirá de sede para um Império mundial de Cristo. Será um período de grande justiça, paz e prosperidade em todo o mundo. Todavia, não será um mundo

absolutamente perfeito. Ainda haverá pecadores. Mas será uma minoria e todo pecado será rapidamente reprimido por Cristo. Defendem também que depois dos mil anos, Satanás será solto por um breve tempo e tentará incitar pessoas do mundo inteiro a se rebelar contra Cristo e guerrear contra Jerusalém. É somente aí que acontecerá o Juízo Final pelo qual os fiéis entrarão no Novo Céu e Nova Terra enquanto os ímpios serão entregues a condenação eterna assim como o Diabo e os demais demônios.

Uma divergência que existe entre pré-milenistas contemporâneos é em relação ao arrebatamento conforme descrito em I Tessalonicenses 4. Historicamente, pré-milenistas sempre defenderam que no fim dos tempos os cristãos seriam perseguidos e martirizados pelo Anticristo até que Jesus voltasse para resgatá-los. A partir do século XIX e principalmente no século XX, isso mudou com o que veio a ser chamado de “pré-tribulacionismo”. Os pré-tribulacionistas defendem que o reino do Anticristo terá uma duração de sete anos num período que chamam de “Grande Tribulação”. Diferente dos pré-milenistas históricos, os pré-tribulacionistas acreditam que imediatamente antes do Anticristo começar a reinar, todos os genuínos cristãos serão arrebatados por Deus da terra e transportados para o céu. O objetivo principal de Deus será impedir a Igreja de ser perseguida e martirizada pelo Anticristo. Além do pre-tribulacionismo, há também o “meso-tribulacionismo”. São chamados assim porque diferente dos pré-tribulacionistas, acreditam que o arrebatamento dos cristãos acontecerá no *meio* da Grande Tribulação e *não antes* dela começar. Assim, acreditam que a Igreja será de fato perseguida e martirizada pelo Anticristo, mas que não terão que passar por isso até a Segunda Vinda porque serão retirados da terra três anos e meio antes. Já aqueles que defendem a perspectiva tradicional do pré-milenismo costumam ser chamados hoje de “pós-tribulacionistas”.

Amilenismo

O amilenismo defende que a visão dos mil anos de Apocalipse 20 não deve ser entendida literalmente³. Acreditam que mil deve ser entendido simplesmente como um número simbólico e que o Milênio se refere ao intervalo de tempo entre a Ascensão e Segunda Vinda de Cristo. A prisão de Satanás se refere ao fato de que ele não pode impedir a proclamação do Evangelho em todas as nações. Já a primeira ressurreição é entendida por alguns como sendo o novo nascimento e por outros como sendo a entrada da alma dos santos mortos no céu. Assim como os pre-milenistas, muitos amilenistas acreditam que há um aumento progressivo de pecado, sofrimento, desastres naturais, guerras e perseguições aos fiéis à medida que o fim da história se aproxima. Outros defendem que por toda história e até o fim do mundo, as forças do bem e do mal se mantêm relativamente equilibradas. O Juízo Final acontecerá imediatamente após a Segunda Vinda com os fiéis sendo introduzidos ao Novo Céu e Nova Terra e os ímpios sendo entregue a condenação eterna. Até então, não há qualquer perspectiva de um reino de Cristo que faça prevalecer à justiça, paz ou prosperidade na terra. Cristo já reina, mas isso tem isso trás benefícios quase exclusivamente espirituais.

Pós-Milenismo

O Pós-Milenismo é o que também será defendido nesta apostila. A ascensão de Cristo inaugurou o seu Reino e desde então, ele vai progressivamente eliminando o pecado e o sofrimento da terra. Assim

³ “A” é um prefixo de negação. Amilenismo significa “sem milênio” ou “nenhum milênio” pra indicar a sua crença na inexistência de um milênio *literal*.

como os amilenistas, a primeira ressurreição é entendida por alguns como sendo o novo nascimento e por outros como sendo a entrada da alma dos santos mortos no céu. O Milênio é simbólico e acontece antes da Segunda Vinda. A prisão de Satanás significa que as nações são progressivamente convertidas ao Evangelho de maneira que chegará um tempo em que a maioria das pessoas será genuinamente cristã. À medida que há transformação espiritual entre os povos, há também desenvolvimento cultural e prosperidade material de forma que a terra é progressivamente restaurada da maldição do pecado. A libertação de Satanás após os mil anos é entendida como uma tentativa final dos ímpios que restarão de se rebelar contra o sucesso mundial do Cristianismo. É somente depois desse longo processo que acontecerá a Segunda Vinda Cristo que é quando os fiéis e os ímpios ressuscitarão para o Juízo Final. Os ímpios serão julgados a condenação eterna e os santos habitarão na Nova Criação consumada.

Nesta apostila, defenderemos o **Preterismo** e o **Pós-Milenismo**.

II

A ESCATOLOGIA É REALMENTE IMPORTANTE?

“Toda a Palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele”. (Provérbios 30:5)

Muitos acreditam também que o entendimento correto da escatologia bíblica não irá determinar ou impedir nossa salvação individual e por isso não é um assunto importante. Em primeiro lugar, não é verdade que a compreensão da escatologia seja absolutamente insignificante para a salvação. Não é possível sermos salvos se rejeitamos que haverá uma Segunda Vinda corporal e visível de Cristo, que os mortos hão de ressuscitar, que haverá um Juízo Final, que os justos herdarão a vida eterna. Além disso, podemos ver no catolicismo romano os efeitos nefastos de erros no âmbito da escatologia individual - o purgatório.

É um erro acreditar que somente devemos nos preocupar com aquilo que é o mínimo necessário para garantir a nossa própria salvação pessoal. É possível uma pessoa se salvar sem nunca ler a Bíblia, comparecer a um culto, ser batizado ou tomar a Ceia do Senhor. Mas aí de nós se dissermos que não há importância em qualquer uma destas coisas! O objetivo da Bíblia não é tratar unicamente daquilo que é *mínimo possível* que precisa acontecer pra que sejamos salvos. Jesus ensinou que “viverá o homem... de *toda* palavra que sai da boca de

Deus”. (Mateus 4.4) Isso significa que erramos quando restringimos nosso interesse somente ao que é *minimamente* necessário para que sejamos salvos ao mesmo tempo em que ignoramos todo o resto do que sua Palavra diz. Na carta aos Hebreus há uma reclamação contra os cristãos que só procuram entender como funciona a salvação pessoal e os princípios elementares da fé e nunca se desenvolvem em assuntos mais complexos:

“Sobre isso temos muito que dizer, mas de difícil interpretação, porquanto vos tornastes tardios em ouvir. Porque, devendo já ser mestres em razão do tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar *os princípios elementares* dos oráculos de Deus, e vos haveis feito tais que precisais de leite, e não de alimento sólido. Ora, qualquer que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, pois é criança; mas o alimento sólido é para os adultos, os quais têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal... Pelo que deixando os princípios elementares da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento de *arrependimento de obras mortas* e de *fé em Deus*, e o ensino sobre *batismos* e imposição de mãos, e sobre *ressurreição de mortos* e *juízo eterno*. E isso faremos, se Deus o permitir”. (Heb 5.11-14,6.1-3)

A compreensão que o homem tem de seu próprio destino e do destino do mundo determina diretamente a maneira que ele toma suas decisões e conduz sua vida. A importância da escatologia está diretamente ligada à maneira que nossos valores são formados e a maneira que vivemos nossas vidas com base nestes valores. Isso é verdade tanto no âmbito da escatologia individual quanto da escatologia geral. É o que Jesus ilustrou com clareza por Jesus na parábola do rico insensato:

“Propôs-lhes então uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produzira com abundância; e ele arrazoava consigo, dizendo: Que farei? Pois não tenho onde recolher os meus frutos. Disse então: Farei isto: derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todos os meus cereais e os meus bens; e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. Mas Deus lhe disse: Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus”. (Lucas 12.16-20)

O rico da parábola tinha como meta principal aproveitar o máximo a suas próprias riquezas por muitos anos: “Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te”. (v.18) Sua perspectiva sobre seu próprio futuro era o de viver aproveitando os deleites da riqueza. Suas ações no presente eram somente meios para este fim. A expectativa do juízo de Deus não fazia parte da equação pela qual ele media seus atos. *Sua completa ignorância escatológica foi a causa de sua ruína.* Ele não levou em consideração que o Juízo de Deus é o destino inevitável de todos os homens: “Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?” (v.20) Aqueles que ignoram a realidade do juízo de Deus vivem como se jamais serão julgados. Aqueles que acreditam que serão julgados vivem com base no tipo de julgamento que acreditam que terão. A parábola do rico insensato nos ensina é que as expectativas que o homem tem em relação ao seu destino determinam a forma com que ele age no presente em relação a tais expectativas.

Com isso, devemos entender que o propósito maior da escatologia bíblica não é matar a nossa curiosidade sobre o futuro. Não devemos ser movidos por qualquer especulação sobre como as coisas serão por mera curiosidade. O propósito maior da escatologia bíblica é fazer com que nossos valores e modo de vida estejam em conformidade com os propósitos de Deus. Deus é o soberano governador da história. Tudo o que acontece é sempre em conformidade com seus decretos. O objetivo de ele nos revelar determinados acontecimentos futuros não é matar nossa curiosidade, mas é fazer com que nossos próprios planos e objetivos estejam sempre subordinados aos propósitos dele. Sem qualquer conhecimento do nosso destino como indivíduos ou do destino do mundo como um todo, não teríamos qualquer meio de averiguar se nossas próprias decisões estariam em conformidade com os planos de Deus. Por meio das profecias bíblicas, Deus nos informa de onde viemos e pra onde vamos de forma que podemos medir nossos valores e objetivos.

Como exemplo disso, vamos refletir nas palavras do pré-milenista Hal Lindsey⁴ em seu best-seller *A Agonia do Planeta Terra*:

“Jesus disse que ‘Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram’. (Mateus 24.34) Que geração? Evidentemente, no contexto, a geração que veria os sinais – o principal sendo o renascimento de Israel. Uma geração na Bíblia é algo ao redor dos quarenta anos. Se isto é uma dedução correta, então cerca de quarenta anos depois de 1948, todas essas coisas já terão acontecido”.⁵

⁴ Hal Lindsey é um evangelista e escritor americano. É um dos principais defensores contemporâneos do dispensacionalismo e do sionismo cristão.

⁵ Hal LINDSEY, *A Agonia do Grande Planeta Terra*.

Quarenta anos depois de 1948 é 1988. Em 1980, início da década de 80, Hal Lindsey escreveu *Década de 80: Contagem Regressiva para o Armagedom*:

“Muitos ficarão chocados com o que acontecerá no futuro muito próximo. *A década de 1980 poderá ser a última da história como a conhecemos*”.⁶

Hal Lindsey não só defendia que o mundo estava prestes a acabar a qualquer momento, mas que *provavelmente* acabaria até o fim da década de 80. Evidentemente, já se passaram mais de 20 anos que a previsão de Hal Lindsey se mostrou falsa. Mas a mesma perspectiva de que o fim do mundo está pra acontecer a qualquer momento ainda é a convicção de muitos cristãos. Se a compreensão que o homem tem de seu próprio destino e do destino do mundo determina diretamente a maneira que ele toma suas decisões e conduz sua própria vida, precisamos refletir de que forma a vida milhões de cristãos tem sido afetada por uma perspectiva escatológica assim.

As palavras do pastor John McArthur⁷ refletem isso: “Os esforços do homem para melhorar o mundo... significam o mesmo que arrumar as cadeiras do Titanic para que todos tenham uma visão melhor do navio afundando”.⁸ Sendo um pre-milenista, John McArthur acredita que o futuro do mundo necessariamente será marcado pelo aumento da iniquidade, do sofrimento, de desastres naturais, de guerras e perseguições aos fiéis até o fim do mundo. Da mesma forma que o Titanic afundou e não havia quem pudesse impedi-lo de afundar, nossa

⁶ Ibid., *Contagem Regressiva para o Armagedom*.

⁷ John McArthur é um teólogo e pastor americano.

⁸ John MacArthur New Testament Commentary.

civilização também está sendo completamente submergida por trevas de maneira inevitável. Consequentemente todos nossos esforços de pra melhorar o mundo seriam em vão. John McArthur não vê motivos para “melhorar o mundo”, pois isso seria tentar evitar o inevitável.

Os principais defensores do amilenismo tem defendido uma perspectiva parecida. O pastor amilenista Herman Hanko⁹ escreveu: “O mundo é cheio de pecado e piorando uma situação desesperadora além da possibilidade de reparo”.¹⁰ Mas se não podemos melhorar o mundo, só nos restam três alternativas lógicas: cooperar ativamente com a expansão da iniquidade, nos submeter passivamente a ela ou lutar na convicção de que nossa luta será em vão. A perspectiva de John McArthur é perfeitamente lógica e consistente com seus pressupostos escatológicos. O mundo vai sempre de mal a pior. Os odiadores de Deus serão mais e mais poderosos enquanto os justos cada vez menos influentes. Essa é a mentalidade da maioria dos cristãos hoje. E esse é um dos fatores determinantes que faz com que Igreja continue agindo como se fosse impotente para combater, com eficácia, contra a expansão da iniquidade.

⁹ Herman Hanko foi um teólogo e pastor holandês.

¹⁰ Herman Hanko, *The Illusory Hope of Postmillennialism*, p. 159.

III

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

“A vós vos é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros por parábolas, para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam”. (S. Lucas 8.10)

Apocalipse significa *revelação*. Apesar disso, é um dos livros mais difíceis de ser compreendido em toda a Bíblia. Mas apesar de sua complexidade aparente, não podemos de qualquer maneira ignorar o seu valor. O Apóstolo João já começa o livro avisando: “*Bem-aventurado* aquele que lê e bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas”. (Ap 1.3) O próprio Jesus confirma no final: “*Bem-aventurado* aquele que guarda as palavras da profecia deste livro”. (Ap 22.7) A dificuldade em compreender o Apocalipse não deve nos levar a subestimar a sua importância. Como parte das Sagradas Escrituras, o livro de Apocalipse tem um valor e importância imensurável para todo cristão. O Apocalipse foi revelado por Deus e se Ele revelou *é para ser entendido*. “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém *as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre*”. (Dt 29.29)

A dificuldade em compreender o Apocalipse é que sua mensagem é quase inteiramente transmitida em símbolos. Durante o seu ministério, Jesus também falava muito por meio de símbolos – o que chamamos

de parábolas. Uma explicação muito comum sobre o uso de parábolas por Jesus era que seu objetivo era facilitar o entendimento dos ouvintes. Segundo este entendimento as parábolas eram simplesmente uma maneira de fazer com que temas complexos fossem compreendidos mais facilmente por meio de comparações baseadas na vida comum, com coisas que os ouvintes já estavam acostumados a lidar no dia a dia. Apesar de sua aparente coerência, tal explicação contradiz o que o próprio Jesus ensinou sobre isso:

“E chegando-se a ele os discípulos, perguntaram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Respondeu-lhes Jesus: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; pois ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem nem entendem.” (Mateus 13.10-13)

Jesus não usava parábolas pra facilitar a compreensão de verdades espirituais, mas para *difícultar* sua compreensão. Um dos motivos pelo qual muitos acreditam que as parábolas eram um meio de *facilitar* o entendimento é que na Bíblia há, muitas vezes, a explicação das parábolas ao lado da própria parábola. Isso cria a impressão de que as parábolas eram fáceis de entender. Mas esse não era o caso da maioria dos que ouviam as parábolas do próprio Jesus. Na parábola da semente sendo lançada no caminho, por exemplo, “a semente é a palavra de Deus”. (Lucas 8.11) Mas isso só foi explicado para *alguns* dos discípulos de Jesus em particular. Para os ouvintes originais que não recebiam tais explicações, não seria tão obvio o significado da semente. Para compreender o que Jesus falava por meio de símbolos nas parábolas, era necessário que ele explicasse os símbolos em linguagem *clara*. Isso era feito somente para aqueles a quem era “*dado conhecer os mistérios do*

reino dos céus” (Mateus 13.10). Da mesma forma, se um texto bíblico é de difícil compreensão, o leitor deve buscar auxílio de outros textos que falam *mais claramente* de forma a revelar o significado do texto que é mais complexo. O leitor precisa pressupor a unidade e coerência da Bíblia. Sobre isso, a Confissão de Westminster comenta:

“Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes ¹¹... A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos *que falem mais claramente*”.¹²

Infelizmente, em vez de buscar compreender os textos mais obscuros da Escritura a luz da própria Escritura, muitos cristãos optam por chegar a conclusões sobre os textos bíblicos com base na fertilidade da própria imaginação. Isso é especialmente comum na interpretação do Apocalipse. O Apocalipse é certamente uma revelação. *Mas é uma revelação em parábolas*. A compreensão dos símbolos do Apocalipse exige esforço, dedicação e reflexão sobre os seus símbolos – **comparando Escritura com Escritura** – para chegar a conclusões sólidas sobre o que cada símbolo significa. A maior parte dos símbolos do Apocalipse não é explicada pelo próprio livro, *mas presume que o leitor já tenha um conhecimento extenso e profundo de ensinamentos e profecias de outros livros da Bíblia*. Se os símbolos do Apocalipse não são claros, aqueles que querem compreendê-los devem buscar na própria Bíblia evidências sobre o que significam. O leitor deve buscar a origem dos símbolos do

¹¹ Confissão de Westminster, Capítulo I, seção 7. A Confissão Batista de Londres de 1689, que se baseou na Confissão de Westminster, contém exatamente as mesmas palavras, também no primeiro capítulo

¹² Ibid., seção 9.

Apocalipse em outros livros da Bíblia que explicam o significado de tais símbolos de forma a determinar o que significam no Apocalipse.

IV

O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO

“Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo”. (Apocalipse 22.10)

No decorrer desta apostila será demonstrado que a *maior parte* dos eventos profetizados no Apocalipse se cumpriu no primeiro século. Somente a partir da segunda metade do capítulo 20 é que o livro narra eventos que ainda são futuros a nós. A primeira vista, essa perspectiva soa como algo praticamente impossível de ser aceito pela maior parte dos cristãos de nosso tempo. Mas as primeiras palavras do livro não podem ser ignoradas: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que *brevemente* devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo”. (Ap 1.1) Tais palavras precisam ser levadas mais a sério. As coisas que deveriam acontecer eram futuras *em relação ao tempo em que o livro foi escrito*. Mas elas se cumpriram *brevemente*, como diz o verso. Para nós que vivemos no século 21, são coisas que ficaram no passado.

Alguns poderão argumentar que a perspectiva de tempo neste verso não é uma perspectiva humana, mas a *perspectiva de Deus*. Neste caso, quando o texto diz “brevemente”, isso seria sob uma perspectiva temporal de Deus. De fato, a Bíblia ensina que “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia”. (II Pd 3.8) Isto significa que

aquilo que parece ser um longo intervalo de tempo para os homens, é *insignificante* para Deus. Sendo assim, por que não poderíamos considerar que quando o Apocalipse diz que se cumpriria brevemente, estaria falando dentro de uma perspectiva temporal de *Deus*¹³ - o que para nós humanos seriam equivalente a *muitos séculos*?

Evidências no próprio Apocalipse anulam essa possibilidade e demonstram que a perspectiva de tempo neste verso seja uma perspectiva *humana* e não Divina. No final do Apocalipse, o anjo avisa a João: “Não seles as palavras da profecia deste livro; *porque próximo está o tempo*”. (Ap 22.10) Tais palavras claramente remetem ao que havia sido dito ao profeta Daniel séculos antes: “E a visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira. Tu, porém, *sela a visão*, porque se refere *a dias mui distantes*”. (Dn 8.26) Por *três* vezes, Daniel recebeu a ordem de “*selar a visão*”¹⁴. O motivo é que tais profecias se referiam coisas que iriam se cumprir somente em “*dias muito distantes*”. De fato, tais profecias só vieram a se cumprir *muitos séculos depois*. Mas a ordem dada a João foi exatamente o contrário, “*não seles*”. E a explicação foi que “*próximo está o tempo*” – o contrário do que havia sido dito a Daniel. Isto deixa claro que a mensagem central do Apocalipse não pode se referir a “*dias muito distantes*” - séculos depois – como foi o caso de

¹³ Um exemplo está na Epístola aos Hebreus: “Porque repreendendo-os, diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estabelecerei ... um Novo Pacto... Dizendo: Novo pacto, ele tornou antiquado o primeiro. E o que se torna antiquado e envelhece, *perto* está de desaparecer”.(Hebreus 8.8,13) A profecia do Novo Pacto foi dada por Jeremias mais de seis séculos antes de seu cumprimento com a vinda de Jesus Cristo. O argumento aqui é que quando Jeremias profetizou o estabelecimento de um Novo Pacto, ele estava indicando que o Pacto do Sinai estava se tornando velho e *por isso* estava *perto* de desaparecer. Mas se o desaparecimento só veio muitos séculos depois, segue-se que a palavra “perto” não pode estar sendo usada pelo autor pra se referir a proximidade sob uma perspectiva humana comum.

¹⁴ Dn 12.4,9

Daniel. Se o cumprimento do Apocalipse fosse demorar muitos séculos, João teria recebido a mesma ordem que Daniel *e não uma ordem exatamente contrária*.

Mas o Apocalipse não é um livro sobre os últimos dias? Não revela os acontecimentos dos últimos tempos? Não há dúvidas de que o Apocalipse seja um livro sobre últimos tempos. Mas, diferente do que muitos pensam, quando o Novo Testamento menciona os “últimos tempos”, “últimos dias” e termos parecidos, elas estão se referindo a toda a história do mundo a partir da primeira vinda de Jesus Cristo e não somente aos últimos momentos da história antes de sua Segunda Vinda. Há evidência clara disso por todo Novo Testamento. O fato de não poucos cristãos acreditarem que os “últimos tempos” e “últimos dias” são referências aos últimos momentos da história antes de sua Segunda Vinda é uma evidência do quanto o conhecimento bíblico precisa ser mais valorizado.

Nos Atos dos Apóstolos diz: “Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia. Mas *isto é* o que foi dito pelo profeta Joel: E *nos últimos dias* acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão”. (At 2.14-18) Pedro menciona que Joel havia profetizado a efusão do Espírito para acontecer nos *últimos dias* e isso estava se cumprindo *naquele momento*. Portanto, devemos entender já no tempo dos apóstolos os últimos dias *havam chegado*.

O mesmo Apóstolo diz em sua epístola: “... sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo, o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas *manifesto no fim dos tempos* por amor de vós”. (I Pd 1.18-20) Aqui Pedro lembra aos cristãos que eles foram salvos não por dinheiro, mas pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo. E ele deixa claro que isso aconteceu *no fim dos tempos*.

Em sua epístola aos Coríntios, Paulo escreveu: “tudo isto lhes acontecia como exemplo, e foi escrito para aviso nosso, *para quem já são chegados os fins dos séculos*”. (I Co 10.11) Paulo menciona que ele e seus contemporâneos *haviam chegado aos fins dos séculos*. Ele não poderia estar falando dos últimos momentos da História do mundo, logo antes da vinda de Jesus Cristo porque ele escreveu isso há mais de vinte séculos.

Em sua carta a Timóteo, ele escreve: “Sabe, porém, isto, que *nos últimos dias* sobrevirão tempos penosos; pois os homens serão amantes de si mesmos, gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder. *Afasta-te também desses*. Porque *deste número* são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; sempre aprendendo, mas nunca podendo chegar ao pleno conhecimento da verdade”. (II Tm 3.1-7) Aquilo que Paulo diz que viria nos últimos dias, era o que já

havia começado a acontecendo *em seu próprio tempo*. Pois ele se refere aos homens que ele disse que viria nos últimos tempos como já estando ativo e justamente por isso manda que Timóteo se afaste deles.

Quando o Novo Testamento fala nos “últimos tempos”, nos “últimos dias” e termos parecidos, a premissa é que *a História da Humanidade está centralizada na pessoa de Jesus Cristo*. Vemos isso claramente em Isaías:

“Mas a terra, que foi angustiada, não será entenebrecida; envileceu *nos primeiros tempos*, a terra de Zebulom, e a terra de Naftali; mas *nos últimos tempos* a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, na Galiléia das nações. O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz... *Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu*, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”. (Isaías 9.1-2,6-7)

Mateus narra o cumprimento:

“E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali; *Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías*, que diz: A terra de Zebulom, e a terra de Naftali, Junto ao caminho do mar, além do Jordão, A Galiléia das nações; O povo, que estava assentado em trevas, Viu uma grande luz; E, aos que estavam assentados na região e sombra da morte, A luz raiou. Desde então começou Jesus a

pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. (Mateus 4.13-17)

Quando Isaías menciona os *primeiros tempos*, está se referindo a toda a História *antes* da vinda de Jesus Cristo. Quando menciona os *últimos tempos* está uma referência toda a História *depois* da vinda de Jesus Cristo. Por isso, textos que se refêem aos últimos tempos ou últimos dias não podem ser tomados como se referindo necessariamente aos últimos *momentos* antes da Segunda Vinda.

O maior motivo pelo qual muitos pensam que os últimos tenha que significar os últimos *momentos* da história logo antes de Segunda Vinda de Cristo é que a palavra “*dias*” pode dar a impressão de um período curto de tempo. Mas o uso da palavra pela própria Bíblia mostra que ela não precisa necessariamente indicar um período *curto*, mas pode se referir a um período com até mesmo *séculos* de duração. Vemos isso já nos primeiros capítulos de Gênesis: “E foram todos *os dias* que Adão viveu *novecentos e trinta anos*, e morreu”. (Genesis 5:5) Todos que são citados na genealogia de Gênesis 5 viveram durante *séculos*. E a palavra *dias* - no hebraico יום (yom) ¹⁵ - é usada pra se referir a este longo período de tempo.

A mensagem central do Apocalipse não é sobre os últimos momentos da história, mas é sobre *o significado e as implicações do fim do Antigo Pacto estabelecido por Moisés e o estabelecimento do Novo Pacto por Jesus Cristo no primeiro século*. A transição entre o Antigo e o Novo Pacto durou quarenta anos - o mesmo tempo de duração entre a saída de Israel do Egito e a chegada da nação terra prometida. A transição estava consumada no primeiro século - em 70 AD - quarenta anos depois do

¹⁵ James Strong, Strong's Exhausted Concordance of the Bible.

início do ministério público de Jesus Cristo em seu batismo. A maioria das visões do Apocalipse se cumpriu neste período de transição, um período de 40 anos, entre a Ascensão de Cristo e a destruição do templo de Jerusalém em 70 AD, e usam eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto, por meio de Moisés, como base para explicar o significado de acontecimentos relacionados neste período de transição em que o Novo Pacto foi estabelecido por Jesus Cristo.¹⁶

O fato é que os destinatários originais do Apocalipse foram “às sete igrejas que *estão* na Ásia” (Ap 1.4). O livro não poderia ser sobre acontecimentos sem qualquer relação direta com eles. Muitos entendem que as visões do Apocalipse apontam para eventos quase exclusivamente futuros e cujo cumprimento em muito lembra aquilo que costumamos ver nos filmes de ficção científica. Mas a preocupação primária do Apocalipse é tratar dos conflitos que estavam acontecendo já no primeiro século, problemas enfrentados por aqueles a quem o livro foi dirigido, *as tribulações que passariam aqueles que viveram no período de transição entre os dois pactos*. O Apocalipse fala de questões diretamente relevantes e não de coisas que eles não nunca seriam capazes de entender porque somente se cumpririam séculos depois.

¹⁶ Muitos desconhecem a realidade deste período de transição, pois acreditam que foi imediata na crucificação de Jesus Cristo. De fato, o Novo Pacto foi imediatamente inaugurado com a morte de Jesus Cristo. Mas os apóstolos ainda precisavam articular as implicações disto e nem todos os crentes piedosos que viviam sob o Antigo Pacto ficaram sabendo de imediato que isso aconteceu. O centurião Cornélio é um exemplo claro. Ele já era um genuíno convertido antes de Pedro pregar para ele (At 10.1-2), mas ainda não sabia de Jesus Cristo e, portanto vivia como se o Novo Pacto ainda não tivesse sido estabelecido, com informação disponível somente aos santos do Antigo. Esta certamente era a situação de muitos por todo o Império Romano, especialmente entre os judeus. Por isso o período de transição era tão necessário. Isso explica também a preocupação e mesmo a possibilidade dos apóstolos em guardar as cerimônias da Lei em determinadas circunstâncias (cf. At 16.1-3; 21.23-25; I Co 9.20) No fim dos quarenta anos o templo foi destruído e com ele todo vestígio do Antigo Pacto.

A maioria dos cristãos que vivem no Ocidente do século XXI, não tem condições de sequer começar a imaginar o que realmente significa ser perseguido *por ser cristão*. A maioria de nós tem a completa liberdade de professar nossa fé, ir às nossas igrejas, estudar, trabalhar, fazer compras, casar, ter filhos, ir onde quisermos e comer o que mais agrada nosso paladar. Nossas vidas não estão sempre em risco pelo mero fato de sermos cristãos. Devemos ser infinitamente gratos a Deus por isso. Devemos reconhecer que isto é a resposta muitas orações daqueles que vieram antes de nós e que tantas vezes não tiveram o mesmo privilégio: “Exorto, pois, antes de tudo que se façam súplicas, orações, intercessões, e ações de graças por todos os homens, pelos reis, e por todos os que exercem autoridade, *para que tenhamos uma vida tranquila e sossegada, em toda a piedade e honestidade*”. (I Tm 2.1-2)

A Igreja Primitiva não teve o mesmo privilégio¹⁷. Tiveram que enfrentar dois inimigos principais: o Império Romano e os líderes de Israel. O próprio Jesus foi crucificado em uma aliança entre Roma e Jerusalém. Não muito depois, Pedro e João foram presos porque curaram um enfermo e pregaram no templo¹⁸. Estevão morreu apedrejado¹⁹. Todos os cristãos que havia em Jerusalém, com exceção dos apóstolos, tiveram que fugir por causa das perseguições²⁰. Antes de sua conversão, Paulo assolava a igreja a ponto de entrar até mesmo nas casas das pessoas pra leva-los arrastados para as prisões²¹. Aos Tessaloniscenses, Paulo descreveu a situação dos cristãos não só em

¹⁷ Evidentemente, ainda há muita perseguição contra o Cristianismo no mundo atual. Mas não me refiro aqui ao mundo inteiro, mas somente ao *Ocidente* onde perseguição física é raríssima. O ponto é que isso é uma benção imensurável de Deus e não podemos subestimá-la, pois é um privilégio que muitos cristãos, em muitos casos mais piedosos do que nós, não tiveram. Até quando o privilégio estará conosco, não temos meios de saber.

¹⁸ At 4.3

¹⁹ At 7.59

²⁰ At 8.1

²¹ At 8.3

Israel, mas também em diversos lugares do Império: “Pois vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia; *porque também padcestes de vossos próprios concidadãos* o mesmo que elas padeceram dos judeus”. (I Ts 2.14)

Foi para esta geração que o Apocalipse foi escrito. Pra consolar os primeiros cristãos em meio a tantas perseguições que eram obrigados a sofrer por todo Império. O historiador romano Tácito²² descreveu o que tantos de nossos irmãos eram obrigados a enfrentar:

“... Mas nem todo o socorro que uma pessoa poderia ter prestado, nem todas as recompensas que um príncipe poderia ter dado, nem todos os sacrifícios que puderam ser feitos aos deuses, permitiram que Nero se visse livre da infâmia da suspeita de ter ordenado o grande incêndio, o incêndio de Roma. De modo que, para acabar com os rumores, *acusou falsamente as pessoas comumente chamadas de cristãs*, que eram odiadas por suas atrocidades, *e as puniu com as mais terríveis torturas*. Cristo, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à extrema punição por Pôncio Pilatos, durante o reinado de Tibério; mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosa irrompeu novamente, não apenas em toda a Judéia, onde o problema teve início, mas também em toda a cidade de Roma, onde conflui e se celebra quanto de atroz e vergonhoso houver por onde quer. Assim, começou-se por deter os que confessavam a sua fé; depois pelas indicações que estes deram, toda uma ingente multidão ficou convicta, *não tanto do crime de incêndio, quanto de ódio ao gênero humano*. A sua execução era acompanhada por escárnios, e assim uns, cobertos de peles de animais, eram

²² Públio Cornelio Tácito (55 - 120 d.C.) foi um historiador, orador e político romano. Ocupou os cargos de questor, pretor, cônsul e procônsul da Ásia. É considerado um dos maiores historiadores da Antiguidade.

rasgados pelos dentes dos cães; outros, cravados em cruzes eram queimados ao cair o dia como se fossem luminárias noturnas. Para este espetáculo, Nero cederá os seus próprios jardins e celebrou uns jogos no circo, misturado em vestimenta de auriga entre a plebe ou guiando ele próprio o seu carro. Daí que, ainda castigando os culpáveis e merecedores dos últimos suplícios, tinham-lhes lástima, pois acreditavam que o castigo não era por utilidade pública, mas para satisfazer a crueldade dele próprio”.²³

A maior parte dos eventos profetizados pelo Apocalipse se refere aos dois principais inimigos que da Igreja: **o Império Romano** e os **líderes de Israel**. O Apocalipse foi escrito pra lembra-los que mesmo em meio a tanto sofrimento, Jesus Cristo é o verdadeiro “Soberano dos reis da terra” (Ap 1.5), o Messias que veio cumprir as palavras dos antigos profetas.

Mas nada disso significa que o Apocalipse não tenha importância para nós que não estamos mais no primeiro século. As Escrituras continuamente mostram que eventos passados e profecias de eventos que já se cumpriram não tinham importância somente para aqueles que viveram na época em que aconteceram, mas que “tudo isto lhes acontecia *como exemplo*, e foi escrito *para aviso nosso...*”. (I Co 10.11) Por exemplo, Deus profetizou para Abraão que o povo de Israel seria escravizado pelos egípcios por quatrocentos anos e que depois disso os egípcios seriam julgados por Deus: “Então disse o Senhor a Abrão: Sabe com certeza que a tua descendência será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos; sabe também que eu julgarei a nação a qual ela tem de servir; e depois sairá com muitos bens”. (Gn 15.13-14) Mas a libertação de Israel da

²³ Públio Cornelio Tácito, *Annaís*, XV.44.

escravidão no Egito tinha importância não somente para a geração do Êxodo na qual a profecia se cumpriu, mas tem importância também para os judeus de todas as gerações e também para os cristãos. O juízo de Deus sobre o Egito era um exemplo para todas as gerações do que Deus faz contra povos ímpios. A libertação de Israel da escravidão do Egito é um exemplo para todas as gerações de como Deus liberta o seu povo e salva os oprimidos que clamam por ele. Da mesma forma, as cartas apostólicas do Novo Testamento foram escritas para igrejas específicas do primeiro século, com o objetivo de tratar de problemas específicos pelo qual eles estavam passando. Isso não significa que estas cartas não tenham qualquer valor pra nós agora. Ao contrário, as lições que as igrejas do primeiro século receberam dos apóstolos devem servir de base para todos os homens de todas as épocas. Da mesma forma a maior parte das visões do Apocalipse se cumpriram no passado, mas continuam servindo de exemplo e tendo uma aplicação importante para todos nós.

A verdade é que o Apocalipse seria irrelevante se ele fosse um livro somente sobre os últimos momentos da História do Mundo. Nesse caso, o livro estaria falando de coisas dos quais a Igreja nunca teria ideia do que era até a geração final. A Igreja, até a última geração ficaria a mercê de especulações vazias, sem meios de compreender ao que os símbolos se referem, pois até lá o significado das profecias permaneceriam indecifráveis. O Apocalipse seria irrelevante para todos os cristãos que vivessem antes desta última geração. Mas o Apocalipse é claro. Foi escrito de forma a ser compreendido por seus destinatários originais, “às sete igrejas que *estão* na Ásia” (Ap 1.4) para “mostrar aos seus servos as coisas que *brevemente* devem acontecer”. (Ap 1.1) e confirmar a esperança dos seus servos em Jesus que “vem com as nuvens” não secretamente como acreditam os pre-tribulacionistas, mas de forma que “todo olho o verá” (Ap 1.7) Como escreveu o Rev. David

Chilton: “O Apocalipse fala poderosamente hoje e sua mensagem para nós é a mesma que era fora dada a Igreja primitiva: a de que não há um centímetro quadrado no céu, na terra ou debaixo da terra em que existe paz entre Cristo e Satanás”.²⁴

²⁴ David Chilton. *Paradise Restored*. p. 31.

IV

A BESTA QUE SUBIU DO MAR

“Então vi subir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia”. (Apocalipse 13.1)

A besta é um dos principais personagens do Apocalipse. Identificá-la é essencial para compreender o tempo em que se cumpriram as demais profecias. Na realidade, não há uma única besta, mas *duas*. A primeira é a que sobe do mar²⁵ e a segunda é a que sobe da terra²⁶. Todavia, a que sobe da terra não é mais chamada de besta no resto do livro e passa a ser chamada de “*falso profeta*” enquanto a que sobe do mar é chamada simplesmente de “*a besta*”²⁷. Portanto, quando nos referimos a besta, normalmente estamos falando especificamente da primeira besta, a que sobe do mar.

A origem do simbolismo com bestas que encontramos no Apocalipse está no livro de Daniel. O termo traduzido por “animal” na visão de Daniel é a palavra חַיָּוָה – cheyva²⁸ - no hebraico. Refere-se

²⁵ Ap 13.1-10

²⁶ Ap 13.11-18

²⁷ Ibid., 16.13; 19.20; 20.10

²⁸ James Strong, Strong's Exhausted Concordance of the Bible.

a *animais ferozes*. Também poderia ser traduzida como *besta*. Esse é o caso da Bíblia King James que traduz a palavra como *beast*. A palavra grega **θηρίον** – therion - traduzida como *besta* no Apocalipse tem o mesmo sentido. Cada besta na visão de Daniel representa um reino²⁹:

“No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, teve Daniel um sonho e visões ante seus olhos, quando estava no seu leito; escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas. Falou Daniel e disse: Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. *Quatro animais*, grandes, diferentes uns dos outros, *subiam do mar*”. (Dn 7.1-3)

As quatro bestas de Daniel se referem à sequência dos impérios que tiveram domínio sobre Israel desde Babilônia até o Império Romano no tempo de Jesus Cristo³⁰. Daniel também teve outras visões (cf. Dn 2, 8) que se referiam aos mesmos reinos. As quatro bestas são equivalentes às quatro partes da estátua do sonho de Nabucodonosor (Dn 2). Além disso, o bode e o carneiro (Dn 8.20-21) são equivalentes ao segundo e terceiro reino do sonho da estátua e das bestas. A identidade de cada império é evidente quando analisamos as três visões paralelamente: *Babilônia, Medo-Persa, Grécia e Roma*.

O significado da *quarta* besta da visão de Daniel é equivalente a besta que João vê no Apocalipse: “E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder e o seu trono e grande autoridade”. (Ap 13.2) Assim como a quarta besta do livro de Daniel, a besta do Apocalipse não é associada a nenhum animal específico. No

²⁹ Ver Apêndice D.

³⁰ Os impérios foram: Babilônia, Medo-Persa, Grécia e Roma.

Apocalipse, ela todas as características das três primeiras bestas de Daniel.

O significado das sete cabeças da besta é explicado pelo o anjo no capítulo 17. Segundo o anjo “as sete cabeças são sete monte” (**Apocalipse 17.9**). Isso aponta para *Roma*. A cidade de Roma era e ainda é mundialmente conhecida como *a cidade dos sete colinas*, pois é cercada por sete montes. Os montes são: *Capitolinus, Palatinus, Aventinus, Esquilinus, Coelius, Viminalis e Quirinalis*. Além disso, o anjo revela que “são também sete reis: *cinco já caíram*; um existe; e quando vier, *deve permanecer pouco tempo*”. (**Apocalipse 17.10**). Isso deixa claro que a besta necessariamente precisa ser interpretada como significando um reino que contemporâneo a João. Isso deixa claro que a besta não pode significar algo contemporâneo ou futuro a nós do século XXI. A explicação do anjo deixa claro que a besta estava em plena atividade já no tempo de João. *Para interpretar a besta como significando algo contemporâneo ou futuro a nós do século XXI é preciso ignorar o que foi explicado claramente pelo anjo*. As sete cabeças são os sete primeiros imperadores romanos desde que o Império foi estabelecido: *Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Claudio, Nero e Galba*. Isso significa que a besta era o Império Romano. E quem estava no poder quando o Apocalipse foi escrito era Nero³¹. Nero foi o primeiro imperador a iniciar uma perseguição oficial e sistemática contra os cristãos por todo o Império. O historiador romano Tácito escreveu sobre essa perseguição. Em uma de suas obras, ele descreve o famoso incêndio de Roma,

³¹ Muitos contestam dizendo que isso não pode ser verdade porque acreditam que o livro de Apocalipse teria sido escrito no final do primeiro século durante o reinado de Domiciano e Nero cometeu suicídio no ano de 68. Apesar de ser uma opinião muito difundida, as evidências a favor da datação do Apocalipse no final do primeiro século se baseiam quase inteiramente em um único escrito completamente ambíguo de Irineu, o apologista cristão do final do segundo século. Uma discussão completa sobre esse assunto pode ser encontrado em “Before Jeusalem Fell” do Rev. Kenneth Gentry.

provocado por Nero. Para se livrar da culpa pelo incêndio e conseguir justificativas para a perseguição, Nero culpou os cristãos.

Isto explica o Apocalipse fala tanto em perseguições e em mártires. Já na abertura do livro, o Apóstolo João diz: “Eu, João, irmão vosso e *companheiro convosco na aflição*, no reino, e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”. (Ap 1.9) A primeira perseguição oficial por parte do Império Romano foi iniciada por Nero em Novembro de 64 e continuou até Junho de 68³² quando ele se matou com uma espada no pescoço ³³: “Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias; e deu-se-lhe autoridade para atuar por *quarenta e dois meses*. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. E foi-lhe *permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los*; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação”. (Ap 13.5-7) Foi durante as perseguições de Nero que Paulo e Pedro foram mortos³⁴. No mundo antigo Nero era

³² Tendo a duração de 42 meses.

³³ É possível que seja a isso que o Apocalipse tenha se referido quando diz: “... se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto...” (Ap 13.10)

³⁴ Segundo a tradição cristã, o apóstolo Pedro morreu crucificado de cabeça pra baixo e o apóstolo Paulo morreu decapitado. A carta aos Filipenses foi escrita quando Paulo estava preso em Roma (Fp 1.12-13,17). Nela, ele revela que havia a possibilidade de ser morto em breve (Fp 1.20-21). Com muita coragem, ele relata que foi capaz de ainda dar muitos frutos para o Evangelho na guarda pretoriana e até mesmo entre os que eram da própria *casa do Imperador*. “E quero irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram têm antes contribuído para *o progresso do evangelho*; de modo que se tem tornado manifesto a *toda a guarda pretoriana e a todos os demais, que é por Cristo que estou em prisões*”. (Filipenses 1.12-13) “Todos os santos vos saúdam, especialmente *os que são da casa de César*”. (Filipenses 4.22) Diante da tirania imperial ele declara quem era o *verdadeiro* Imperador: “Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor...” (Fp 2.9-11) A exaltação a Jesus Cristo nestes

conhecido pelo seu prazer por morte, tortura e perversidade sexual - homossexualidade, incesto, pedofilia e até zoofilia. Assassinou sua própria mãe, irmão, esposa e tia. No auge de sua insanidade Nero castrou um menino chamado Sporus, passou a tratá-lo como uma mulher e até celebrou uma cerimônia de casamento com ele, vestido de imperatriz. Permaneceram vivendo como casados até a morte.

João ainda revela algo muito importância para ajudar na identificação da besta: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é *seiscentos e sessenta e seis*”. (Ap 13.18) Muita especulação sempre existiu e ainda existe em torno desse número. Mas se queremos ser fiéis ao texto bíblico, não podemos nos esquecer de que o Apocalipse foi escrito de forma a ser compreendido pelos contemporâneos de João, pelas “sete igrejas que *estão* na Ásia” (Ap 1.4). Quando João mandou seus destinatários calcular o número da besta, isso realmente era *possível* a eles. Não seria possível somente para a Igreja mais de 2000 anos depois, mas era algo que deveria ser feito pelos primeiro leitores do Apocalipse. Se a besta já estava em plena atividade no primeiro século, então também era possível calcular o número da besta já no primeiro século para que a besta fosse identificada.

É importante lembrar que em todos os idiomas antigos, as letras não eram usadas somente como símbolos fonéticos, mas tinham também um valor numérico. No português usamos os *numerais romanos* da mesma forma até hoje. A letra “V” por exemplo, se refere ao número 5. A vogal “I” se refere ao número 1. No grego e no hebraico, os

termos não foi outra coisa se não um ataque direto contra Nero. Não sabemos exatamente quando o Apóstolo João foi exilado para a ilha de Patmos, mas é possível que tenha sido na mesma época em que Paulo em que Paulo estava preso e escrevendo Filipenses.

valores das letras seguiam a ordem do alfabeto. As primeiras nove letras representavam os valores de 1-9. A décima até a décima-nona letra representavam as dezenas (20,30,40,50, etc.). O resto das letras representavam valores de centenas (100,200, 300, etc.). Devido a esse uso duplo do alfabeto, era comum formar enigmas numéricos contendo nomes. Os gregos chamavam de “isopsephia”. Os judeus chamavam de “gimatriya”. Os eruditos modernos chamam esse fenômeno de “criptograma”. Portanto, os primeiros leitores do Apocalipse já estariam familiarizados com essa prática. Segue abaixo o valor numérico de cada letra hebraica no tempo do Novo Testamento:

Decimal	Hebraico	Decimal	Hebraico	Decimal	Hebraico
1	א	7	ז	40	מ
2	ב	8	ח	50	נ
3	ג	9	ט	60	ס
4	ד	10	י	70	ע
5	ה	20	כ	80	פ
6	ו	30	ל	90	צ

Decimal	Hebraico
100	ק
200	ר
300	ש
400	ת

Em hebraico o nome Nero César era נֵרוֹן קֶסֶר - pronunciado como *Neron Kaiser*. Nero era quem estava no poder quando o Apocalipse foi escrito – a *sexta* cabeça da besta. E quando calculamos o número de seu nome, chegamos ao valor exato de seiscentos e sessenta e seis.³⁵

³⁵ Exemplos de criptogramas hebraicos podem ser encontrados no Talmud Judaico em Sanhedrin 22a, Yoma 20a, e Nazir 5a.

ר	ס	ק	נ	ו	ר	נ	Total
200	60	100	50	6	200	50	666

A sétima cabeça da besta foi Galba, o imperador que sucedeu Nero. Segundo o anjo, ele permaneceria por pouco tempo no poder: “... o outro ainda não é vindo; e quando vier, deve permanecer pouco tempo”. (Ap 17.10) Isso se cumpriu com exatidão na pessoa de Galba. Ele foi Imperador por somente *sete meses* – do dia 8 de Junho de 68 até o dia 15 de Janeiro de 69.

V

O CULTO IMPERIAL

“E vi subir da terra outra besta... e fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta...” (Apocalipse 13.11-12)

A segunda besta – o falso profeta - é diretamente ligada e dependente da primeira besta – o Império Romano. Isso indica que ela também não pode ser interpretada como significando algo em nosso próprio tempo ou futuro a nós que estamos no século XXI, mas precisa ser entendida como tendo sido diretamente ligada e dependente do Império Romano já no tempo do Apóstolo João. A primeira besta refere-se primariamente ao poder *político* do Império. Já a descrição segunda besta deixa claro que seu poder era primariamente *religioso*. Por isso, a besta que sobe da terra não é mais chamada de “*besta*” no resto do livro e passa a ser chamada de “*falso profeta*” enquanto a que sobe do mar é chamada simplesmente de “*a besta*”³⁶. O título de “falso profeta” reflete o fato de sua função ser primariamente religiosa.

O Império Romano era uma teocracia pagã³⁷. O paganismo imperial era administrado pelo *Collegium Pontificum* – o Colégio de Pontífices. Ao Colégio de Pontífices competia a suprema superintendência de todos os assuntos referentes à religião, assim como matérias relacionadas ao

³⁶ Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10

³⁷ Beard, North, Price. *Religions of Rome: Volume I*. Cambridge University Press, 1998.

interesse público e à vida privada. Além disso, era a instituição responsável pela guarda dos livros que continham as regras rituais, e também por dar consultas a qualquer um que solicitasse informações em matéria de religião. Religião esta que, em Roma, alcançava os mais variados assuntos. Ao Colégio incumbia a tarefa de zelar pela observância da religião e dos ritos, evitando que qualquer irregularidade pudesse surgir da negligência no cumprimento dos antigos costumes, ou da tentativa de introdução de ritos estrangeiros. Os pontífices determinavam a forma de adoração dos deuses da cidade, assim como passaram, com o tempo, a dispor sobre a forma própria de enterro e até de interpretação dos fenômenos da natureza. Era *Collegium Pontificum* o responsável por promover o culto e a adoração ao imperador. Juramentos precisavam ser feitos em nome do espírito do imperador e sua imagem precisava ser adorada publicamente. O culto imperial foi um dos fatores da centralização e de unificação do Império Romano, sendo essencial para a sobrevivência de Roma e por isso eram tratados como traidores aqueles que o negligenciava. O paganismo romano era o fundamento do poder político do Império. A segunda besta - o falso profeta - eram os promotores do paganismo imperial, administrado pelo Colégio de Pontífices.

O paganismo romano tinha dois aspectos importantes. Primeiro, havia o culto e a adoração aos deuses sancionados por Roma. Segundo, havia o culto e a adoração aos imperadores. A aprovação dos deuses não dependia tanto do comportamento moral de uma pessoa, mas da observância precisa de rituais religiosos. Os deuses não eram como o Deus de Israel, reconhecido por sua santidade e exigindo dos homens uma conduta igualmente santa. Cada deus precisava de uma imagem - geralmente uma estátua ou relevo em pedra ou bronze - e um altar ou templo no qual se ofereciam orações e sacrifícios. Pedidos e orações eram apresentadas aos deuses como uma troca: se o deus fez o que foi solicitado (chamado de *nuncupatio*), então o adorador promete fazer uma determinada coisa em troca (chamada de *solutio*). Para convencer

os deuses a favorecer os pedidos, um adorador poderia fazer oferendas de comida ou vinho, ou realizar um ritual de sacrifício de um animal antes de comê-lo. O lado público da religião era mais organizado e mais formal do que o privado. Em casa, o chefe da família realizava os rituais religiosos para sua família. Fora dos lares, os deuses eram adorados pelo Estado, que empregava colégios de sacerdotes altamente treinados e sacerdotisas.

Na prática, Roma não estava tão preocupado com as diversas religiões, filosofias e cultos que surgiam no império, *no entanto que cada uma delas se conformasse às normais morais do Império e às exigências da adoração e culto imperial*. A perseguição e intolerância só existiam à medida que o Império sentia que alguma religião ou sistema filosófico era uma ameaça às bases do Império. O que nós precisamos entender claramente é que os primeiros cristãos não foram perseguidos *simplesmente* porque adoravam Jesus Cristo. Onde o paganismo é a norma, mais um ou menos um deus faz pouca diferença. Os primeiros leitores do Apocalipse não foram perseguidos simplesmente por prestar culto e adoração a Jesus Cristo, mas porque adoravam Jesus Cristo *somente*, o serviam *incondicionalmente* e não estavam dispostos a dividir ou seu culto com outros deuses e senhores. Diante do culto ao Imperador e a sua imagem, eles estavam firmes na verdade revelada pelo único Deus verdadeiro, o Deus de Israel: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás diante delas, nem as servirás...” (Ex 20.3-5) E também: “Pois, ainda que haja também alguns que se chamem deuses... para nós *há um só Deus*, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem nós vivemos; *um só Senhor*, Jesus Cristo, pelo qual existem todas as coisas, e por ele nós também”. (I Co 8.5-6)

Jesus Cristo não é um mero homem que nasceu há mais de dois mil anos. Ele é ninguém menos do que o único Deus verdadeiro, o Deus Todo-Poderoso *encarnado*, conforme o Isaías previu séculos antes: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, *Deus Forte*, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para estabelecê-lo e o fortificar em retidão e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos exércitos fará isso”. (Is 9.6-7) Por isso, é a obrigação de todos os homens adorá-lo e cultuá-lo como Deus da mesma maneira que fez Tomé: “Depois disse a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: *Senhor meu, e Deus meu!*” (Jo 20.27-28)

Foi sabendo disto e querendo rivalizar com o Deus de Israel que Satanás não somente fazia com que falsos deuses fossem adorados, mas fez também com que os imperadores romanos fossem reconhecidos e adorados como sendo encarnações e manifestações humanas destes falsos deuses. Os césores de Roma eram adorados como deuses, sendo oficialmente designados com os títulos de *Sebastos*³⁸, *Divus*³⁹ e *Theos*⁴⁰. Normalmente o culto aos imperadores acontecia depois que morriam. Mas diferente dos demais, Calígula e Nero promoveram o adoração a si mesmos quando ainda estavam vivos. Calígula – a quarta cabeça da besta - acreditava ser Zeus

³⁸ Alguém que deve ser adorado.

³⁹ Divino.

⁴⁰ Deus.

encarnado. O historiador Flávio Josefus escreveu sobre como ele queria impor seu culto até mesmo no templo de Deus em Jerusalém:

“Ele estendeu sua impiedade até mesmo contra os judeus. Enviou Petrônio com um exército a Jerusalém para colocar suas estátuas no Templo, e ordenou-lhe que, caso os judeus não autorizassem, ele deve matar aqueles que criassem oposição, e levar todo o resto para em cativeiro”.⁴¹

A única coisa que impediu que sua imagem fosse de fato instalada no templo de Deus em Jerusalém foi que ele morreu assassinado. Nero – a sexta cabeça da besta - acreditava ser a encarnação do deus Apolo. Foi reconhecido como “Deus Todo-Poderoso” e “Salvador do mundo”. O historiador Dio Cassius ⁴² descreveu o culto a Nero prestado por Tiridates, rei da Armênia:

“De fato, a conferência não se limitou a meras conversas. Uma plataforma elevada foi erigida e imagens de Nero foram postas em cima. Na presença dos armênios, partos e romanos Tiridates se aproximou das imagens e prestou-lhes reverência. Então, depois de sacrificar a elas, chamando-as por nomes grandiosos nomes, ele tirou o diadema de sua cabeça e pôs sobre elas... Tiridates publicamente se prostrou diante de Nero que estava assentado na rostra no Fórum: ‘Mestre, eu sou descendente de Arsaces, irmão dos reis Vologaesús e Pacorus, e teu escravo. E eu vim a ti, meu Deus, para adorar-te como eu faço com Mitra. O destino que determinaste para mim será meu, porque tu és a minha Fortuna e meu Destino’”.⁴³

⁴¹ Flávio Josefus, Guerra dos Judeus, Livro II, 10.1.

⁴² Dio Cassius foi um notável historiador romano e funcionário público. Publicou uma *História de Roma* em 80 volumes.

⁴³ Dio Cassius, História Romana, 62.5.2.

Na mesma obra, ele fala sobre o destino de um senador romano que se recusou a prestar culto e sacrifícios a “divina” habilidade musical de Nero:

“Thrasaea foi executado porque ele deixou de aparecer regularmente no Senado e porque ele nunca ia fazer sacrifícios à Voz Divina Nero como faziam o resto”.⁴⁴

Dio Cassius escreveu também sobre como Nero foi recebido em Roma em 68 A.D. ao voltar de uma viagem para a Grécia:

“Nero foi deificado pelos gregos como ‘Zeus, nosso Libertador’. Sobre o altar de Zeus no templo principal da cidade eles escreveram ‘a Zeus, nosso Libertador, a saber, Nero eternamente’. No templo de Apolo eles colocaram a sua estátua e o chamavam de ‘o novo sol, iluminando os helenos’, e ‘o unico amante dos gregos de todos os tempos’”.⁴⁵

Segundo o Apocalipse, o paganismo imperial não era promovido somente pelo poder da espada e da perseguição implacável, mas também pela operação de sinais e prodígios: “E operava grandes sinais... e, por meio dos sinais que lhe foi permitido fazer na presença da besta, enganava os que habitavam sobre a terra...” (Ap 13.13-14) Quanto a isso, devemos lembrar que a Bíblia nunca atribui a capacidade de operar sinais e prodígios somente aos servos e profetas de Deus. As Escrituras continuamente avisam sobre o perigo de não ser enganado falsos profetas que também manifestam a capacidade de operar sinais e prodígios.

⁴⁴ Ibid., 62.26.3

⁴⁵ Ar

Deus avisou sobre o perigo de falsos profetas que seriam capazes de operar sinais e prodígios: “Se se levantar no meio de vós profeta, ou sonhador de sonhos, e vos anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o sinal ou prodígio de que vos houver falado, e ele disser: Vamos após outros deuses - deuses que nunca conhecestes - e sirvamo-los! Não ouvireis as palavras daquele profeta, ou daquele sonhador...” (Dt 13.1-3). O próprio Jesus avisou sobre o mesmo perigo “... hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos”. (Mt 24.24) Os magos do Egito eram capazes de transformar varas em serpentes: “Faraó também mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os magos do Egito, também fizeram o mesmo com os seus encantamentos. Pois cada um deles lançou a sua vara, e elas se tornaram em serpentes; mas a vara de Arão trouxe as varas deles”. (Ex 7.11-12) No Novo Testamento, lemos sobre as feitiçarias de Simão: “Ora, estava ali certo homem chamado Simão, que vinha exercendo naquela cidade a arte mágica, fazendo pasmar o povo da Samária, e dizendo ser ele uma grande personagem; ao qual todos atendiam, desde o menor até o maior, dizendo: Este é o Poder de Deus que se chama Grande”. (At 8.9-10) A Bíblia nunca diz que o poder sobrenatural seja uma garantia que alguém seja um verdadeiro servo de Deus. A única garantia é que os *ensinamentos* estejam em conformidade com a Palavra de Deus. Os que se guiam por sinais e prodígios sem considerar se os ensinamentos dos que operam tais sinais são conforme a Palavra de Deus sofrem grandes riscos de serem enganados por falsos mestres e falsos profetas. Sobre isto, João Calvino escreveu com muita clareza:

“A marca distintiva da boa doutrina, da qual o autor é Cristo, é esta: Ela não se inclina a buscar a glória dos homens, mas a de Deus (Jo 7.18; 8.50)... Convém que tenhamos sempre em mente que *Satanás tem seus milagres, os quais, embora sejam falazes prestidigitações, antes que genuínos prodígios, entretanto são de tal natureza, que podem seduzir os desavisados e simplórios* (II Ts 2.9, 10). Mágicos e encantadores sempre se destacaram por seus milagres. A idolatria sempre foi nutrida por milagres de causar pismo. Contudo, eles não legitimam nossa superstição, nem dos magos, nem dos idólatras”.⁴⁶

Nós não podemos subestimar a realidade e força de manifestações sobrenaturais para popularizar falsas religiões e heresias. Falsas religiões e heresias não se estabelecem no mundo simplesmente porque as pessoas são ingênuas demais pra perceber que se trata de falsidade. Na maioria dos casos, a inspiração satânica que rege as falsas religiões não somente cuida que a mentira seja bem propagada, mas também faz com que sinais e prodígios acompanhem a divulgação das mentiras. Jesus não estava blefando quando disse que os falsos profetas fariam “grandes sinais e prodígios; de modo que, *se possível fora*, enganariam até os escolhidos”. (Mt 24.24) Apesar disso, não devemos ser ingênuos pra acreditar que todo suposto sinal e prodígio operado por falsos profetas sejam de fato manifestações sobrenaturais. Demônios são comprometidos com a divulgação da mentira e nunca com a verdade. O propósito é que falsas religiões e heresias sejam bem divulgadas e seguidas. Isto é feito de qualquer maneira que puderem, seja por manifestações sobrenaturais legítimas, seja por meros truques e ilusionismo.

⁴⁶ João Calvino, Institutas da Religião Cristã. Livro I, “A Função dos Milagres”.

Desta maneira, não foi sem charlatanismo, truques, sinais e prodígios de mentiras que o paganismo romano era promovido e difundido por todo Império. O Apocalipse diz: “Foi-lhe concedido também dar fôlego à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse...” (Ap 13.15) [colocar aqui depois descrição de sinais na Roma pagã]

Além de promover o culto Imperial, o Apocalipse diz também que a segunda besta “fez que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes fosse posto um sinal na mão direita, ou na testa, para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse o sinal...” (Ap 13:16-17) Assim como é o caso do número da besta, a marca da besta também sempre foi causa de muita especulação. Muitos daqueles que interpretam a besta como significando algo contemporâneo ou futuro a nós que estamos no século XXI acreditam que a marca da besta será algum tipo de *chip* implantado sob a pele das pessoas de forma que esse se torne o único meio de efetuar transações econômicas. Costumam acreditar que existe em nosso próprio tempo uma conspiração mundial para unificar todo o sistema econômico do mundo de forma que tudo seja submetido ao poder da besta. Mas em um livro cheio de dragões, bestas e criaturas semelhantes, é fatal achar que não devemos pensar duas vezes antes de entender as visões literalmente. Devemos comparar Escritura com Escritura e não Escritura com nossa própria imaginação para chegar a conclusões sólidas sobre o que cada símbolo significa. Devemos procurar na própria Bíblia pistas pra compreender o que o Apocalipse significa em vez de deixar nossa imaginação voar com base no noticiário do dia.

A ideia de um povo sendo marcado na testa ou na mão tem origem no livro de Deuteronômio: “Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor. *Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.* E estas palavras, que hoje te ordeno,

estarão *no teu coração*; e as ensinarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás *por sinal na tua mão* e te serão *por frontais entre seus olhos*”. (Dt 6.4-8) Este mandamento foi citado por Jesus Cristo como sendo maior de todos os mandamentos da Lei de Deus: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento”. (Mt 22.36-38) O coração, sendo um órgão de nosso corpo, não pode ser aberto por meio de uma cirurgia pra que *literalmente* escrevamos palavras lá. Também não era possível que toda a Lei de Deus fosse literalmente atada na mão ou na testa entre os olhos⁴⁷. A ordem de Deus aqui não pode possivelmente ser entendida literalmente. A linguagem aqui é evidentemente figurada.

Na Bíblia o coração costuma se referir figuradamente ao centro das *vontades, desejos e intenções* do homem. Quando Deus diz que sua Lei deve ser inscrita em nossos corações, ele não está mandando que façamos uma cirurgia. Ele está ordenando que nossas vontades e desejos sejam submissos aos seus mandamentos. Assim também, quando ele fala da Lei de Deus na testa diante de nossos olhos, ele está falando figuradamente que devemos amar a Deus “de todo o teu

⁴⁷ Há judeus tentam cumprir isso literalmente por meio do que chamam de Tefilin. Tefilins, também conhecidos como filactérios, são duas caixinhas de couro, cada qual presa a uma tira de couro de animal, dentro das quais está contido um pergaminho com os quatro versos da Torá em que se baseia o uso dos filactérios: Êxodo 13.1-10, Êxodo 13.11-16, Deuteronômio 6.4-9 e Deuteronômio 11.13-21. Em seu método de utilização coloca-se uma caixinha no braço e enrola-se uma das tiras na mão enquanto e a outra caixinha é colocada na testa, entre os olhos, como frontal. Mas os Tefilins não podem ser reconhecidos como um meio válido de cumprir o mandamento. Primeiro, quando Deus diz “estas palavras que hoje te ordeno” ele não está se referindo somente ao que diz estes versos. Refere-se a toda a Lei que estava sendo ensinada naquela ocasião. Segundo, se a ordem aqui deve ser entendida literalmente, por qual motivo não cumprem literalmente também a ordem de que tais coisas estivessem escritas em seus corações?

entendimento”. (Mt 22.37) E quando Deus fala de sua Lei atada em nossa mão, ele está falando figuradamente do dever de amá-lo “de todas as tuas *forças*”. (Dt 6.5)

Esse é o pano de fundo para a visão da marca da besta. Os servos da besta não tem a Lei de Deus atada na testa (mente) ou na mão (força). Eles não prestam obediência a Deus e sim a besta. O objetivo do Apocalipse não era alertar sobre um chip que só viria séculos depois. Era alertar sobre o perigo de prestar obediência e culto aos imperadores de Roma. Era alertar sobre o perigo de substituir os mandamentos de Jesus Cristo pelos mandamentos de deuses pagãos. Quando João mandou seus destinatários não fossem marcados pela besta, isso realmente era uma possibilidade a eles. Não seria possível somente para nós mais de dois mil anos depois, mas era algo para aqueles que estavam sendo perseguidos e caçados por Roma. Aqueles que se recusavam a adorar Nero eram brutalmente perseguidos. Não podiam levar suas vidas normalmente. Não podiam comprar ou vender. Perdiam a casa, a família, os bens, a honra e até a própria vida.

A marca da besta não é a única marca do Apocalipse. Alguns versos depois, lemos sobre outros que também foram marcados: “E olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam na testa escrito o nome dele e o nome de seu Pai”. (Ap 14.1) Esta não era uma tatuagem que Deus faria na testa de seus eleitos. É somente uma forma figurada de falar da obediência daqueles que tiveram coragem de resistir ao Império. Podiam ser roubados, perseguidos e brutalmente assassinados. Mas “venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte”. (Ap 12.11) Isto é o que o próprio Jesus já havia ensinado: “Quem achar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á”. (Mt 10.39)

A relação entre o poder político do Império Romano e os promotores do paganismo imperial nos serve de lição para entender questões importantíssimas sobre o funcionamento do mundo. A função da segunda besta era fazer com que o sistema religioso, a ideologia, a economia e toda a forma de pensar dos habitantes do Império Romano fosse de maneira que *justificasse* o poder político do Império. Para que o Império Romano deixasse de ser o que era, seria necessário que primeiro fosse minada e subvertida as bases do paganismo romano. O filósofo e economista Friedrich Hayek descreveu bem a questão:

“A sociedade só mudará de rumo se houver mudança no campo das ideias. Primeiro você tem que se dirigir aos intelectuais, professores e escritores, com uma argumentação bem fundamentada. Será a influência deles sobre a sociedade que prevalecerá e os políticos seguirão atrás”.

O que precisamos entender nesta relação é que em todo sistema de poder e autoridade precisa que seja difundida entre o povo uma ideologia, uma filosofia, uma cosmovisão que sirva pra fortalecer a sua autoridade. Isto pode ser verificado em todas as épocas e em todas as formas de governo. No caso do Império Romano, a ideologia que estabelecia, fortalecia e justificava a autoridade dos imperadores era o paganismo imperial. *A política romana era somente o desenvolvimento lógico e a aplicação na esfera política da religião e modo de pensar dos habitantes do Império.* O poder político do Império Romano não poderia existir da maneira que existiu sem que o paganismo romano fosse da maneira que era.

Podemos ver esse princípio em pleno funcionamento na história do povo de Israel. Para que a monarquia tivesse espaço em Israel, foi necessário primeiro que mudasse a *mentalidade* do povo. Foi necessário que suas ideias políticas fossem moldadas a partir de *pressupostos* pagãos, injejando o sistema político das nações vizinhas:

“Então todos os anciãos de Israel se congregaram, e vieram ter com Samuel, a Ramá, e lhe disseram: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos. Constitui-nos, pois, agora um rei para nos julgar, *como o têm todas as nações*. Mas pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei para nos julgar. Então Samuel orou ao Senhor. Disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois *não é a ti que têm rejeitado, porém a mim, para que eu não reine sobre eles*. Conforme todas as obras que fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até o dia de hoje, *deixando-me a mim e servindo a outros deuses, assim também fazem a ti?*”. (I Samuel 8.4-8)

Os falsos profetas e sacerdotes apóstatas tinham um papel fundamental na transformação da mentalidade do povo:

“Pois os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos. *Mas vós vos desviastes do caminho; a muitos fizestes tropeçar na Lei*; corrompestes o pacto de Levi, diz o Senhor dos exércitos”. (Malaquias 2.7-8)

“O ancião e o varão de respeito, esse é a cabeça; e o profeta que ensina mentiras, esse é a cauda. *Porque os que guiam este povo o desencaminham*; e os que por eles são guiados são devorados”. (Isaías 9.15-16)

Se quisermos entender porque as coisas são da maneira que são em nosso próprio contexto histórico, uma das primeiras coisas

que precisamos fazer é identificar quem são os nossos **“falsos profetas”** que promovem o culto às **“novas bestas”**. Não há dúvidas de que a besta e o falso profeta do Apocalipse se cumpriram no passado. Mas as Escrituras continuamente mostram que narrativas de acontecimentos passados e as profecias de eventos que já se cumpriram não têm importância somente para aqueles que viveram na época em que aconteceram: “Tudo isto lhes acontecia *como exemplo*, e foi escrito *para aviso nosso...*”. (I Co 10.11) Sendo assim, a besta e o falso profeta servem de exemplo e aviso para nós que vivemos tantos séculos depois. Assim como os cristãos no tempo de João, nós também agora **precisamos identificar quem são as novas bestas e os novos falsos profetas. Precisamos identificar quais são as novas formas de poder que se colocam contra a verdade de Deus e quem são os responsáveis por promover** as crenças, a ideologia e toda a forma de pensar que sustentam este poder. Precisamos identificar quais são os verdadeiros interesses daqueles que promovem a mentalidade e forma de pensar dos homens em nossos dias. Precisamos identificar de que maneira os homens em nossos dias marcados na mão e na testa, de que forma a lei da besta é escrita em seus corações, de que forma é promovido o culto e adoração aos novos “imperadores”. E acima de tudo, precisamos proclamar quem é único e verdadeiro Imperador – Jesus Cristo. Acima de tudo, precisamos reconhecer qual é a única e verdadeira Lei – a Lei do Todo-Poderoso Deus de Israel. Precisamos ser marcados com o selo de Deus no lugar da marca da besta. Como está escrito:

“Tendo cuidado para que ninguém vos faça *presa* sua, por meio de *filosofias e vãs sutilezas*, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; *porque nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade*, e tendes a

vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade”. (Cl 2.8-10)

Cristãos contemporâneos desperdiçam tempo, papel e tinta demais falando sobre a besta que acreditam que virá e sobre conspirações mundiais para estabelecer seu reino. Os danos causados para missão da Igreja por causa de uma perspectiva assim são incalculáveis. Primeiro, os cristãos que não acreditam mais que nações inteiras possam ser transformadas pelo poder do Evangelho porque acreditam que há uma conspiração predestinada, profetizada e, portanto, inevitável para que o mundo seja completamente dominado pela besta. Ao se convencer de que a besta está prestes a dominar o mundo inteiro, os cristãos inevitavelmente deixam de ter motivos para lutar para que o *Evangelho de Jesus Cristo* domine o mundo inteiro. Por isso não é mais comum ouvirmos cristãos piedosos pedirem a Deus para nosso país aquilo que John Knox pediu sobre a Escócia: “Ó Deus, dá-me a Escócia ou morrerei!”

Outro problema sério é que quando a Igreja se foca em se preparar para a vinda de uma besta futura ela não percebe que muitos dos sucessores da besta e do falso profeta *já estão em plena atividade entre nós*. Nos programas de televisão, nos jornais, nas músicas, no cinema, nas escolas, nas universidades e até mesmo em muitas igrejas, “filosofias e vãs sutilezas” (Cl 2.8) são propagadas sistematicamente por novos falsos profetas cujo objetivo é promover o poder, autoridade e as estruturas de poder das novas bestas. O que seriam das inúmeras leis de proteção à homossexualidade ou de defesa ao aborto que a cada dia cresce no mundo se anos antes coisas como o existencialismo, o marxismo, o evolucionismo, o liberalismo teológico, o feminismo, o secularismo, o ateísmo e tantos outros meios de subversão e relativização da moral não tivesse sido tão difundido na mídia, nas

escolas, nas universidades, nos seminários? Da mesma maneira que a função do paganismo imperial era fazer com que a forma de pensar dos habitantes do Império Romano fosse de maneira que justificasse o poder político de Roma, também agora o objetivo dos grandes formadores de opinião de nossa geração é perpetuar o domínio de uma política a cada dia mais iniqua e abominável. E não nos deixemos enganar. Os modernos falsos profetas têm seus “sinais” também. O tempo que cristãos contemporâneos desperdiçam tentando identificar a besta que acreditam que virá seria mais bem gasto identificando os falsos profetas e as bestas que já estão entre nós. Se compreendessem que a besta do Apocalipse já veio e foi *derrotada* entenderiam também que nossa luta contra as novas bestas não será vã porque *elas também serão eventualmente derrotadas*.

VI

MULHERES NO DESERTO

“E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”. (Apocalipse 12.14)

É importante notar que a visão da besta e do falso profeta ocorre *logo após* a visão da fuga da mulher para o deserto. A visão da mulher que foge para o deserto aparece no capítulo 12. Já a visão da besta e do falso profeta aparece no capítulo 13. Há um motivo muito importante pra isso. Para entender, temos que primeiro encontrar o significado da mulher:

“E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça...” (Apocalipse 12.1-5)

No livro de Gênesis encontramos o significado dos símbolos desta visão. O sol, a lua e as estrelas remetem ao sonho de José, filho de Jacó:

“Teve José outro sonho, e o contou a seus irmãos, dizendo: Tive ainda outro sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam perante mim”. (Gênesis 37.9)

O sonho de José se cumpriu quando ele foi governante no Egito. Inicialmente ele foi parar no Egito porque foi vendido como escravos por seus próprios irmãos⁴⁸. Depois de muitos anos, houve fomes em muitos lugares e família de José foi diretamente afetada⁴⁹. Inicialmente, o Egito também havia sido afetado pela fome. Mas sob o comando de José, o Egito conseguiu se livrar da fome de tal maneira que outros povos iam até o Egito pra conseguir comida⁵⁰. Entre os que subiram ao Egito pra se livrar da fome, estava a família de José:

“Ora, Jacó soube que havia trigo no Egito, e disse a seus filhos: Por que estais olhando uns para os outros? Disse mais: Tenho ouvido que há trigo no Egito; descei até lá, e de lá comprai-o para nós, a fim de que vivamos e não morramos. Então desceram os dez irmãos de José, para comprarem trigo no Egito. Mas a Benjamim, irmão de José, não enviou Jacó com os seus irmãos, pois disse: Para que, porventura, não lhe suceda algum desastre. Assim entre os que iam lá, foram os filhos de Israel para comprar, porque havia fome na terra de Canaã. José era o governador da terra; era ele quem vendia a todo o povo da terra; e vindo os irmãos de José, prostraram-se diante dele com o rosto em terra”. (Gênesis 42.1-6)

É por isso que no sonho de José, o sol, a lua e as estrelas são “se inclinavam” perante ele. A inclinação se refere a situação de sua família na qual se tornaram economicamente dependentes dele pra conseguirem sobreviver. O sol representava seu pai Jacó, a lua

⁴⁸ Gn 37.28,36

⁴⁹ Gn 41.55-57, 42.1-5

⁵⁰ Gn 41.53-57

representava sua mãe Rebeca. As onze estrelas representavam seus irmãos.

Posteriormente, o nome de Jacó e sua família foram associados à nação de Israel. O motivo desta associação é que o povo Israel era formado pelos descendentes de Jacó e seus filhos. Deus mudou o nome de Jacó pra Israel⁵¹ – o mesmo nome pelo qual seria chamada a nação. É por isso que em muitos lugares, vemos o povo de Israel sendo chamado simplesmente de Jacó⁵². Os doze filhos de Jacó deram origem às doze tribos de Israel⁵³. O nome das tribos eram os nomes dos filhos de Jacó. Com isso em mente, devemos concluir que a descrição da mulher em Apocalipse 12 tem como objetivo *identificá-la com a nação de Israel*.

Isto fica ainda mais claro ao refletir sobre a fuga da mulher para o deserto:

“E foram dadas à mulher *as duas asas da grande águia*, para que voasse para *o deserto*, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”. (Apocalipse 12.14)

O livro de Êxodo faz referência às asas da águia:

“Então subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz: aos egípcios, como *vos levei sobre asas de águias*, e vos trouxe a mim”. (Êxodo 19.3-4)

⁵¹ Gn 32.28

⁵² Especialmente nos livros proféticos.

⁵³ As doze tribos tinham o nome de dez dos filhos de Jacó. As outras duas tribos restantes receberam os nomes dos filhos de José, abençoados por Jacó como se fossem seus próprios filhos. Ao conquistar a terra prometida, o território foi dividido entre as tribos.

Em Deuteronômio, vemos com mais clareza seu significado:

“Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança. Achou-o numa terra deserta, e num erma de solidão e horrendos uivos; cercou-o de proteção; cuidou dele, guardando-o como a menina do seu olho. Como a águia desperta o seu ninho, adeja sobre os seus filhos e, *estendendo as suas asas*, toma-os, e *os leva sobre as suas asas*, assim só o Senhor o guiou, e não havia com ele deus estranho”. (Deuteronômio 32.9-12)

Assim como a águia cuida de seus filhos e leva os seus filhos sobre as suas asas, o Senhor cuidou de Israel e o tirou da escravidão do Egito. A libertação de Israel do Egito significou o estabelecimento do Antigo Pacto por meio de Moisés. Da forma parecida, o Novo Pacto foi estabelecido por meio de Jesus Cristo. *O objetivo desta visão é usar os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar os acontecimentos relacionados estabelecimento do Novo Pacto.* O Apocalipse está dizendo que com o estabelecimento do Novo Pacto o povo de Israel passaria por acontecimentos semelhantes ao que passou quando o Antigo Pacto foi estabelecido.

Uma das associações que o texto faz entre o estabelecimento do Antigo Pacto e o estabelecimento do Novo Pacto é em relação ao *filho* da mulher: “E o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe devorasse o filho. E estando grávida, gritava com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz...” (Ap 12:2-5) O filho da mulher é evidentemente Jesus Cristo, que nasceu da nação de Israel: “... os quais *são israelitas*, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas;

de quem são os patriarcas; e *de quem descende o Cristo segundo a carne*, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente”. (Rm 9.4-5) O Dragão representa “o Diabo e Satanás”. (Ap 20.2) A tentativa do Dragão de matar Jesus Cristo se cumpriu por meio de Herodes: “... eis que um anjo do Senhor apareceu a José em sonho, dizendo: Levantate, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e ali fica até que eu te fale; porque Herodes há de procurar o menino para matá-lo. Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito... Então Herodes... irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores...” (Mt 2.13-14,16) Moisés sofreu algo parecido quando era um bebê recém-nascido. A diferença é que no caso de Moisés, o objetivo de Faraó era assassinar todos os meninos hebreus e não somente Moisés “Falou o rei do Egito às parteiras das hebreias, das quais uma se chamava Sifrá e a outra Puá, dizendo: Quando ajudardes no parto as hebreias, e as virdes sobre os assentos, se for filho, matá-lo-eis; mas se for filha, viverá”. (Ex 1.15-16) Moisés só não morreu porque foi salvo pela filha de Faraó⁵⁴.

O Apocalipse diz também que o Filho “há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono”. (Ap 12.5) Isto se refere à ascensão de Jesus Cristo após sua morte e ressurreição. Mediante sua morte, ressurreição e ascensão, Jesus Cristo recebeu o domínio sobre todas as coisas: “E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto ide, ensinais todas as nações...” (Mt 28.18-19) “Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus”. (Mc 16.19) “Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por possessão.

⁵⁴ Ex 2.5-9

Tu os quebrarás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro. Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra”. (Sl 2.8-10)

Sobre a passagem pelo deserto, a visão diz que “a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias”. (Ap 12.6) O que a visão está mostrando aqui é que Israel passaria por um período de tribulação. O deserto representa a *tribulação*. Mas ao mesmo tempo, o texto diz que mesmo em meio ao deserto, a mulher seria “sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”. (Ap 12.14) O que isso nos ensina é que o cuidado de Deus por seu povo não significa que seu povo fique imune de tribulações. Deus nunca prometeu tal imunidade. O que ele prometeu é que seu povo estaria sob os seus cuidados *mesmo em meio às tribulações*: “Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”. (Jo 16.33) O absoluto cuidado de Deus mesmo entre as tribulações pode ser visto na vida do próprio Jesus quando ele mesmo passou pelo deserto: “E estive no deserto quarenta dias sentado tentado por Satanás; estava entre as feras, e os anjos o serviam”. (Mc 1.13)

A visão revela também o *tempo* que a tribulação duraria: “mil duzentos e sessenta dias” (v.6), “um tempo, e tempos e metade de um tempo” (v.14). Mil duzentos e sessenta dias são equivalentes a *três anos e meio*. Portanto, “um tempo, e tempos e metade de um tempo” deve ser entendido como um período de três anos e meio. Não há qualquer evidência na própria visão sobre o que o número significa ou a que época se refere. Mas se considerarmos que três anos e meio é equivalente a *quarenta e dois meses*, é provável que a tribulação da mulher no deserto tenha ligação com o que o capítulo 13 fala sobre a

perseguição da besta. Já foi demonstrado que a perseguição de Apocalipse 13 refere-se primariamente a primeira perseguição oficial por parte do Império Romano, promovida por Nero. Começou em Novembro de 64 e continuou até Junho de 68, tendo uma duração de 42 meses: “Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias; e deu-se lhe autoridade para atuar por *quarenta e dois meses*. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação”. (Ap 13.5-7) Devemos entender então que a tribulação representada pelo deserto que a mulher passaria refere-se à perseguição promovida por Nero.

Que os mil duzentos e sessenta dias seja uma referência à perseguição promovida pela besta fica ainda mais claro quando levamos em consideração que o objetivo da visão é usar os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar acontecimentos relacionados estabelecimento do Novo Pacto no primeiro século. Quanto a isso, é importante notar que a visão da besta e do falso profeta ocorre no capítulo 13, logo após a visão da fuga da mulher para o deserto. Enquanto a primeira besta representa o que era o poder político de Roma, a segunda besta – o falso profeta – representa o que era seu poder religioso. Quando Israel esteve no deserto após ser liberto do Egito, também foi obrigada a enfrentar dois inimigos: Balaque, *rei* de Moabe e Balaão, o *falso profeta*. O que o Apocalipse está dizendo com isso é que o Império Romano seria um inimigo de Israel no primeiro século da mesma forma que os moabitas haviam sido um inimigo de Israel nos tempos de Moisés. Assim como Israel teve que enfrentar Balaque e Balaão no deserto, teria que enfrentar o Império Romano agora.

Quando o povo Israel chegou às planícies de Moabe, os moabitas fizeram aliança com os midianitas. Balaque era rei de Moabe e conseguiu que anciões das duas nações fossem comprar os serviços do falso profeta Balaão⁵⁵. O objetivo era que ele, com suas feitiçarias, lançasse maldições sobre os israelitas. As coisas não deram muito certo até que sob o conselho de Balaão, os midianitas enviaram suas mulheres ao acampamento para se prostituir com os israelitas e levá-los ao culto a Baal - o deus dos moabitas e midianitas. O livro de Números nos conta do trágico resultado para os israelitas que caíram na armadilha:

“Ora, Israel demorava-se em Sitim, e o povo começou a prostituir-se com as filhas de Moabe, pois elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses... Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, fizeram que os filhos de Israel pecassem contra o Senhor no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor”. (Números 25.1-2; 31.16)

O Apóstolo Paulo comentou o acontecimento em sua carta aos Coríntios:

“Pois não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar; e, na nuvem e no mar, *todos foram batizados em Moisés*, e *todos comeram do mesmo alimento espiritual*; e *beberam todos da mesma bebida espiritual*, porque bebiam da pedra espiritual que os acompanhava; e a pedra era Cristo. Mas *Deus não se agradou da maior parte deles*; pelo que foram prostrados no deserto. *Ora, estas*

⁵⁵ Nm 22.1-7

coisas nos foram feitas para exemplo, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos torneis, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar. Nem nos prostituamos como alguns deles fizeram; e caíram num só dia vinte e três mil”. (I Coríntios 10.1-8)

Assim como acontece no Apocalipse, o Apóstolo Paulo usa os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar os acontecimentos relacionados em sua própria época sob o Novo Pacto. E também como o Apocalipse, ele usa a história de Balaque e Balaão como um exemplo para aqueles que viviam sob o domínio da besta, o Império Romano. O Apóstolo Paulo argumenta que o paganismo do Império Romano era semelhante à idolatria de Balaque e Balaão. Portanto, aqueles que eram participantes do paganismo romano teriam a mesma condenação que os israelitas idólatras tiveram no deserto.

A mesma comparação é feita pelo próprio Jesus no começo do Apocalipse: “Entretanto, algumas coisas tenho contra ti; porque tens aí os que seguem *a doutrina de Balaão*, o qual ensinava *Balaque* a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, introduzindo-os a comerem das coisas sacrificadas a ídolos e a se prostituírem” (Ap 2.14). Aqui Jesus Cristo está se referindo ao paganismo do Império Romano. O paganismo romano era para os habitantes do Império Romano o mesmo que o paganismo de Balaque e Balaão havia sido no tempo de Moisés. A tentação do paganismo no Império Romano era equivalente à tentação do paganismo de Balaque e Balaão. Ao falar da doutrina de Balaão, Jesus Cristo estava falando figuradamente do paganismo Imperial.

A apostasia de muitos israelitas diante da armadilha de Balaque e Balaão não foi um fato isolado na história de Israel. Por meio do profeta Jeremias, Deus reclamou de Israel que “desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito, até hoje, tenho-vos enviado insistentemente todos os meus servos, os profetas, dia após dia; contudo não me deram ouvidos, nem inclinaram os seus ouvidos, mas endureceram a sua cerviz”. (Jr 7.25-26) O significado e as implicações dessa apostasia contínua do povo de Israel foram explicados pelo Apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos:

“Digo a verdade em Cristo, não minto, dando testemunho comigo a minha consciência no Espírito Santo, que tenho grande tristeza e incessante dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; os quais são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da Lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém”.
(Romanos 9.1-5)

Assim como os antigos profetas lamentavam pelos incrédulos de Israel, Paulo também lamentou: “Tenho grande tristeza e incessante dor no meu coração” (v.1). Como ele escreveu também aos Filipenses: “porque muitos há, dos quais repetidas vezes vos disse, e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo”. (Fp 3.18) Mesmo considerando a realidade da apostasia de Israel, Paulo logo em seguida descreve Israel de maneira sublime: “de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém”.

(Rm 9.1-5) E logo em seguida, ele avisa: “E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado”. (Rm 9.6) Aqui devemos nos perguntar:

- 1) Por qual motivo Paulo teve a necessidade de lembrar aos seus leitores que a Palavra de Deus *não* havia falhado?
- 2) O que é que ele havia acabado de dizer que poderia causar a impressão de que a Palavra de Deus havia falhado de forma que era necessário que ele corrigisse essa impressão errada?

O questionamento que Paulo precisava responder aí era: *Se* dos israelitas era “a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne” (v. 4-6) *como* isso poderia ser reconciliado com o fato de que *a maior parte dos judeus rejeitava a Jesus como o Cristo* e, portanto *não era participante das promessas que encontravam nele somente o cumprimento*? O questionamento que Paulo precisava responder era: *Se* Jesus era o Messias prometido a Israel, *por que* isso *não era reconhecido pela maior parte de Israel*? Mediante o que Paulo estava ensinando, a maior parte de Israel seria condenada por Deus, pois a maior parte dos israelitas não cria em Jesus Cristo. Como reconciliar isso as promessas de um Messias como o Salvador *de Israel*? Afinal, o próprio Apocalipse não revela que Deus *protegeria Israel*? *Não é isso o que a visão da mulher que fugiu para o deserto ensina*? Isso é o que Paulo se propõe a responder do capítulo 9 ao capítulo 11 de Romanos:

“E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque *nem todos os de Israel são, de fato, israelitas*; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa”. (Romanos 9.6-8)

O argumento de Paulo começa com a história de Abraão no livro de Gênesis. Se o propósito de Paulo era falar da História de Israel, nada mais coerente do que ele começar falando de Abraão, o pai da nação:

“Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque, disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho. Pareceu isso mui penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho. Disse, porém, Deus a Abraão: Não te pareça isso mal por causa do moço e por causa da tua serva; atende a Sara em tudo o que ela te disser; porque *em Isaque será chamada a tua descendência*”. (Gênesis 21.9-12)

Abraão era o pai da nação de Israel por meio de Isaque. E como todo judeu sabia, além de Isaque, Abraão teve também *Ismael*. Mas como todo judeu também sabia *Ismael não foi contado como herdeiro da promessa*, mas era somente Isaque o filho da promessa. “Em Isaque será chamada a tua descendência” (v. 12) e não em Ismael. Como diz também:

“Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência. Quanto a Ismael, eu te ouvi: abençoa-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei extraordinariamente; gerará doze príncipes, e dele farei uma grande nação. A minha aliança, porém, estabelecê-la-ei com Isaque, o qual Sara te dará à luz, neste mesmo tempo, daqui a um ano”. (Gênesis 17.19-21)

O que Paulo começa a provar com isso é que “nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos”. (Rm 9.6-7) Isto é, nem todo descendente de Abraão *individualmente* deveria ser contado como herdeiro da promessa. Ismael

era também um filho de Abraão, *mas ainda assim foi excluído da aliança da promessa*. Se fosse verdade que todos os descendentes carnis de Abraão eram, com base nisso somente, herdeiros da promessa, *então Ismael jamais poderia ser excluído*, pois ele era tão filho de Abraão quanto Ismael. Portanto, a eleição de Israel não deveria ser reconhecida como incluindo todos os descendentes individualmente, de forma indiscriminada. Incluí somente “aos que de antemão conheceu”, aos que “predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. (Rm 8.29) Paulo então continua a demonstrar o mesmo princípio nas vidas de Jacó e Esaú:

“E não somente isso, mas também a Rebeca, que havia concebido de um, de Isaque, nosso pai (pois não tendo os gêmeos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei a Jacó, e aborreci a Esaú”. (Romanos 9.10-13)

Jacó e Esaú eram filhos de Isaque com Rebeca. O mesmo pai e a mesma mãe. O mesmo Isaque de quem havia sido dito: “em Isaque será chamada a tua descendência”. (Gn 21.9-12) Além disso, eram gêmeos. Mas apesar disso tudo, *Jacó foi contado como herdeiro da promessa, mas Esaú não*. Antes de terem nascido. Antes de terem sequer feito o bem ou o mal. Esaú ainda foi o pai dos edomitas. Todo judeu sabia bem quem eram os edomitas. *Os edomitas eram um dos maiores inimigos do povo de Israel por toda sua história*. O próprio Deus declarou: “Ainda que Edom diga: Arruinados estamos, porém tornaremos e edificaremos as ruínas; assim diz o Senhor dos exércitos: Eles edificarão, eu, porém, demolirei; e lhes chamarão: Termo de impiedade, e *povo contra quem o Senhor está irado para sempre*”. (Ml 1.4) Em termos de descendência

carnal, os edomitas eram tão descendentes de Abraão quanto os judeus. Isto prova que nem todos descendentes de Abraão *individualmente* devem ser contados como herdeiro da promessa. Se a mera descendência carnal pudesse ser reconhecida como base, os edomitas jamais poderiam ser reconhecidos pelo próprio Deus como inimigos. Pois o pai dos edomitas, Esaú, era filho de Isaque tanto quanto Jacó. Ele era tão descendente de Abraão quanto qualquer judeu. Ainda assim, os edomitas foram rejeitados por Deus. Isto prova, sem quaisquer dúvidas, que “nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos... filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa” (v. 7-8). No decorrer de sua argumentação, Paulo mostra que este tem sido o princípio não somente entre os patriarcas, mas por toda a história de Israel:

“Também Isaías exclama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo... E como antes dissera Isaías: Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, teríamos sido feitos como Sodoma, e seríamos semelhantes a Gomorra... Ou não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo: Senhor, mataram os teus profetas, e derribaram os teus altares; e só eu fiquei, e buscam a minha alma? Mas que lhe diz a resposta divina? Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos a Baal. *Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça*”. (Romanos 9.27-29,11.1-2)

No tempo de Isaías, muitos israelitas se rebelaram contra Deus. Só um remanescente permaneceu fiel. Igualmente, no tempo Elias, só uma minoria dos israelitas permaneceu fiel a Deus. A maioria era rebelde. Foi o mesmo que aconteceu no tempo de Jesus e os apóstolos. Como

Paulo explicou: “Assim, pois, *também agora* neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça”. (v.2) É o mesmo que também acontece em nossa própria época, no século XXI. A maioria dos judeus é rebelde contra Deus mediante a rejeição de Jesus Cristo. Só uma *minoría* permanece fiel.

Com isso em mente, podemos entender que quando falamos na nação de Israel, devemos considera-la sob *dois aspectos*. Por um lado, devemos considerar a Israel *carnal*. Neste caso, Israel inclui todos os descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó. Por outro lado, devemos considerar qual é o verdadeiro Israel de Deus. Neste caso, Israel inclui somente aqueles que são os eleitos de Deus para serem filhos da promessa. Este foi o caso de Isaque e Jacó. Este foi o caso de todos os israelitas que permaneceram fiéis a Deus por toda a história. Este é o caso dos judeus que creem em Jesus agora. É sobre *os dois Israels* que Paulo fala aos Romanos: “Porque nem todos os que são de Israel são israelitas”. (Romanos 9.6) É por isto que a existência de israelitas incrédulos não faz com que a promessa de Deus tenha falhado. *Pois a promessa nunca foi dirigida a todos os descendentes físicos de Abraão individualmente, mas somente aos filhos da promessa, eleitos segundo a eleição da graça.*

É por isso que o Apocalipse não fala de uma única mulher no deserto, mas fala de *duas*. A mulher que foge para o deserto no capítulo 12 é a verdadeira Israel, a Israel de Deus, formada unicamente pelos israelitas eleitos para serem filhos da promessa. É a Israel de Abraão, Isaque e Jacó. Por isso, ela é preservada por Deus. Mas além dela, o Apocalipse revela que havia outra mulher no deserto:

“Então ele me levou em espírito *a um deserto*; e vi *uma mulher* montada numa besta cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e que tinha sete cabeças e dez chifres”. (Apocalipse 17.3)

Já demonstramos que o objetivo do Apocalipse é usar os eventos relacionados ao estabelecimento do Antigo Pacto como pano de fundo pra explicar os acontecimentos relacionados em sua própria época sob o Novo Pacto. Sendo assim, devemos entender que quando o Apocalipse fala das *duas* mulheres no deserto no contexto da tentação das duas bestas, o objetivo é usar a história de Balaque e Balaão como um exemplo para aquilo que aconteceria com Israel sob o domínio do Império Romano. A apostasia dos israelitas diante da armadilha de Balaque e Balaão não incluiu todos os israelitas sem exceção. Alguns foram fiéis enquanto outros não. O motivo é que não havia um, mas *dois Israels* no deserto. Havia o Israel *carnal*. Mas havia também o Israel *espiritual*. O Israel espiritual era formado por aqueles que permaneceram verdadeiramente fiéis a Deus. Já o Israel carnal era formado por aqueles que caíram na cilada de Balaque e Balaão. O que o Apocalipse está dizendo com esta comparação é que no tempo de Jesus e os apóstolos também havia dois *Israels*. Por um lado, havia aqueles que eram verdadeiros servos de Jesus Cristo. Esta era a mulher que fugiu para o deserto no capítulo 12. Por outro lado, havia a falsa Israel, formada por aqueles judeus que eram inimigos do Cristianismo. Esta era a Grande Prostituta do capítulo 17. E assim como os israelitas havia caído na tentação de Balaão no passado, eles caíram na tentação do paganismo imperial e por isso no Apocalipse a grande prostituta aparece *montada na besta*.

A comparação de Israel com uma prostituta já havia sido feita pelos profetas. O profeta Jeremias começou descreveu o relacionamento

entre Deus e Israel na figura de uma relação marital: “Assim diz o SENHOR: Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia”. (Jr 2.2) Ezequiel fez a mesma comparação: “Dei-te juramente, entrei num pacto contigo e ficaste sendo minha... Te pus... uma linda coroa na cabeça... e chegastes a ser rainha”.(Ez 16.8,12) Jeremias se refere à época em que o povo de Israel esteve no deserto após a libertação da escravidão do Egito. Ele inicialmente retrata Israel como uma sendo uma *noiva*. Ezequiel descreve o casamento da noiva como acontecendo quando o Antigo Pacto foi estabelecido. Isso significa que quando Jeremias se refere a Israel como noiva no deserto, ele não está se referindo a todo período em que Israel esteve no deserto, *mas somente até o tempo em que o Antigo Pacto foi estabelecido*. Isso aconteceu em Êxodo 19-20 depois que Moisés subiu ao monte Sinai:

“Agora, pois, se atentamente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu pacto, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel. Veio, pois, Moisés e, tendo convocado os anciãos do povo, expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado. Ao que todo o povo respondeu a uma voz: ‘Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo’”. (Êxodo 19.5-8)

Ezequiel diz que mediante o pacto – na figura de um casamento - Deus colocou Israel na posição de *rainha*. Isso é uma clara referência à posição de *soberania em relação às demais nações*. Como foi dito quando o Pacto foi estabelecido: “... sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos”. E também: “tu és povo santo ao Senhor teu Deus; o

Senhor teu Deus te escolheu, a fim de lhe seres o seu próprio povo, *acima de todos os povos que há sobre a terra*”. (Dt 7.6) E também: “O SENHOR, teu Deus, te exaltará *sobre todas as nações da terra*”. (Dt 28.1) Por isso o Apocalipse fala da grande prostituta como sendo: “*a grande cidade* que tem um reino sobre os reis da terra”. (Ap 17.18) A “grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito” era Jerusalém “onde também *o seu Senhor foi crucificado*”. (Ap 11:8)

No tempo dos antigos profetas as prostituições de Israel eram com as diversas nações que havia ao seu redor:

“Também te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos, grandemente carnaís; e multiplicaste a tua prostituição, para me provocares à ira...Também te prostituíste com os assírios, porquanto eras insaciável; contudo, prostituindo-te com eles, nem ainda assim ficaste farta. Demais multiplicaste as tuas prostituições na terra de tráfico, isto é, até Caldéia, e nem ainda com isso te fartaste. Quão fraco é teu coração, diz o Senhor Deus, fazendo tu todas estas coisas, obra duma meretriz desenfreada”. (Ezequiel 16.26,28-30)

Como punição, Deus avisa que faria com que os próprios amantes de Israel se voltassem contra ela:

“E julgar-te-ei como são julgadas as adúlteras e as que derramam sangue; e entregar-te-ei ao sangue de furor e de ciúme... entregar-te-ei nas mãos dos teus inimigos, e eles derribarão a tua câmara abobadada, e demolirão os teus altos lugares, e te despirão os teus vestidos, e tomarão as tuas belas joias, e te deixarão nua e descoberta. Então farão subir uma hoste contra ti, e te apedrejarão, e te traspassarão com as suas espadas. E queimarão as tuas casas a fogo, e executarão juízos contra ti”. (Ezequiel 16.38-41)

O juízo sobre Israel aqui não é outra coisa se não a aplicação das ameaças e maldições pactuais previstas pela Lei de Deus. Já no tempo de Jesus e os apóstolos, a prostituições de Israel era a mesma. O que havia mudado era somente os amantes. A prostituição não era mais com o paganismo do Egito, da Assíria ou da Caldéia. A prostituição agora era com idolatria do Império Romano: “Então ele me levou em espírito a um deserto; e vi uma mulher montada *numa besta* cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e que tinha sete cabeças e dez chifres”. (Ap 17.3) A relação de adultério e prostituição entre Roma e Jerusalém foi oficializada pelos líderes de Israel na crucificação de Jesus Cristo:

“Pilatos, pois, quando ouviu isto, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, e em hebraico Gabatá. Ora, era a preparação da páscoa, e cerca da hora sexta. E disse aos judeus: Eis o vosso rei. Mas eles clamaram: Tira-o! tira-o! crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: *Não temos rei, senão César*”. (João 19.13-15)

E assim como no tempo dos antigos profetas Deus havia punido Israel fazendo com que seus amantes de Israel se voltassem contra ela, agora também ele faria com que o Império Romano se voltasse contra a mãe das abominações e prostituições da terra:

“E quando chegou perto e viu a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! se tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz! mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiaram, e te apertarão de todos os lados, e te derribarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti

estiverem; e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo da tua visitaçãõ”. (Lucas 19.41-44)

VII

UM POVO QUE NÃO SE CHAMAVA PELO MEU NOME

**“Tornei-me acessível aos que não perguntavam por mim; fui achado daqueles que não me buscavam. A uma nação que não se chamava do meu nome eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui. Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por um caminho que não é bom, após os seus próprios pensamentos”.
(Isaías 65.1-2)**

A parábola que Jesus contou após sua entrada triunfal em Jerusalém sobre *o proprietário da vinha* tem como objetivo profetizar essencialmente *o mesmo* que a visão daquilo que o Apocalipse profetiza sobre a grande prostituta:

“Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país. Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam. E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma

sorte. E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram. Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Fará perecer horivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó”. (Mateus 21,33-44)

A parábola fala de dois grupos de lavadores. O primeiro grupo foi substituído por um segundo grupo. O primeiro grupo foi punido com morte pelo senhor da vinha. O primeiro grupo, além de não dar frutos, ainda matou o filho do senhor da vinha. *O segundo grupo dará frutos como o primeiro não deu. O segundo grupo será bem sucedido naquilo que o primeiro não foi.*

O primeiro grupo da parábola representa a nação de Israel sob o Antigo Pacto. Jesus Cristo falou de como Israel foi rebelde por toda sua história. Ele fala de como Deus “enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos”. (Mt 21.34) Estes representam os antigos profetas. Jesus está lembrando aos líderes de Israel qual havia sido a reação a cada profeta que lhes era enviado: “E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram”. (Mt 21.35) Cristo falou ainda de uma segunda

sequência de profetas que foram enviados, mas que acabaram tendo o mesmo fim. “Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte...” (Mt 21.36) O último profeta do Antigo Testamento foi Malaquias. Um fato importante sobre Malaquias é que ele profetizou a vinda de Jesus Cristo ao templo de Deus em Jerusalém:

“Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; *e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais*; e o Mensageiro do pacto, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. *Mas quem suportará o dia da sua vinda?* E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros”. (Malaquias 3:1-2)

Primeiro, o texto se refere ao “mensageiro que preparará o caminho diante de mim” (v. 1). Isso é uma clara referência a João Batista: “*Como está escrito nos profetas*: Eis que eu envio o meu mensageiro ante a tua face, o qual *preparará o teu caminho diante de ti*. Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, Endireitai as suas veredas. Apareceu *João* batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados”. (Mc 1:2-4) João Batista foi quem preparou o caminho diante de Jesus Cristo, o Senhor – o Mensageiro do Pacto. Então Malaquias profetizou que Jesus Cristo “de repente virá ao seu templo”. Isso se refere à chegada de Jesus Cristo no templo, após a sua entrada triunfal, para debater publicamente com os líderes de Israel e anunciar o juízo de Deus sobre eles. Foi sobre isso que Jesus Cristo falou também em sua parábola: “E, por último, enviou-lhes seu filho” (Mt 21.37).

A reação de Israel com a vinda do Filho de Deus não foi diferente da reação que tiveram com os antigos profetas: “Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo,

e apoderemo-nos da sua herança. E, *agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram*”. (Mateus 21.38-43) Apesar de Jesus Cristo ter sido executado pelas autoridades romanas, o Novo Testamento reconhece que os líderes judaicos foram os responsáveis *primários* porque foram eles que entregaram Jesus aos romanos:

“Varões *israelitas*, escutai estas palavras: A Jesus, o nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este, que foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, *vós matastes, crucificando-o pelas mãos de iníquos*”. (Atos 2.22-23)

“Pois vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia; porque também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que elas padeceram dos judeus; *os quais mataram ao Senhor Jesus, bem como aos profetas*, e a nós nos perseguiram”. (I Tessalonicenses 2.14-15)

Aqui o Apóstolo Paulo diz o mesmo que já havia sido dito por Jesus em sua parábola: os judeus eram culpados tanto pela morte dos antigos profetas quanto pela morte do Filho de Deus. Isso não significa que os romanos não tivessem culpa *nenhuma*. Significa somente que a culpa dos judeus era *maior*. Jesus falou sobre isso em sua conversa com Pôncio Pilatos: “aquele que me entregou a ti, *maior pecado tem*”. (Jo 19.11) Como veremos depois, o juízo de Deus vem sobre a besta *também*, mas não com a mesma intensidade e nem com tanta rapidez quanto o juízo sobre Israel:

“O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não a soube, e fez coisas que mereciam castigo, com poucos açoites será castigado. *Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá*”. (Lucas 12.47-48)

Em seguida, Jesus Cristo perguntou aos líderes de Israel, qual seria a punição que o senhor da vinha – Deus Pai - daria aos lavradores pelo assassinato de seus servos e de seu próprio filho: “Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe eles: Fará perecer miseravelmente a esses maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe entreguem os frutos”. (Mateus 21.41) Jesus confirmou que a conclusão deles estava correta, declarou que os lavradores de sua parábola eram os próprios líderes de Israel e avisa que teriam o fim que eles mesmos haviam reconhecido como justo:

“Disse-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular; pelo Senhor foi feito isso, e é maravilhoso aos nossos olhos? *Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos*. E quem cair sobre esta pedra será despedaçado; mas aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó. Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo essas parábolas, *entenderam que era deles que Jesus falava*”. (Mateus 21.42-45)

O que Jesus havia dito ai em parábolas é o mesmo que ele avisou depois *sem parábola*:

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido cúmplices no derramar o sangue dos profetas.

Assim, vós testemunhais contra vós mesmos que sois filhos daqueles que mataram os profetas. *Enchei vós, pois, a medida de vossos pais*. Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno? Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas: e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que mataste entre o santuário e o altar. *Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração*. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, apedrejas os que a ti são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não o quiseste! Eis aí abandonada vos é a vossa casa. Pois eu vos declaro que desde agora de modo nenhum me vereis, até que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor”. (Mateus 23.29-39)

Jesus novamente avisou que o juízo de Deus que viria sobre Israel. Mas para que o juízo de Deus viesse sobre Israel seria necessário que *se enchesse a medida da iniquidade*. “Enchei, vós, pois a medida de vossos pais”. (v.32) Ele diz que a medida da iniquidade de Israel se encheria pelo assassinato dos mártires (v. 34-35). À medida que o número de assassinatos aumenta a medida da iniquidade vai se enchendo até que a terra vomita aquilo que engoliu por tempo demais.

Além disso, Jesus revelou *quando* este juízo viria sobre Israel: “Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre *esta geração*”. (v. 36) Isso se cumpriu com precisão na chamada *Grande Revolta Judaica*. Começou no ano 66 inicialmente devido a tensões religiosas entre gregos e judeus com protestos anti-taxações e ataques a cidadãos romanos. Terminou quando as legiões romanas sob o comando de Tito sitiaram e destruíram Jerusalém e o templo de Deus que lá ficava.

“Eis aí abandonada vos é *a vossa casa...* Não vedes tudo isto? *Em verdade vos digo que não se deixará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada*”. (Mt 23.38;24.2) Foi o cumprimento do que o Apocalipse profetizou. *A besta se voltou contra a grande prostituta.*

Segundo a parábola da vinha contada por Jesus, a destruição de Israel e do templo *significaria a transferência do reino de Deus a outro povo*: “Fará perecer horivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a *outros lavradores* que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos... o reino de Deus vos será tirado *e será entregue a um povo* que lhe produza os respectivos frutos” (Mateus 21.41,43). Isso é o mesmo que já havia sido profetizado por Isaías. Isaías profetizou que como consequência da rebelião de Israel Deus se revelaria e seria obedecido por “um povo que não se chamava do meu nome” (Isaías 65.1) O Apóstolo Paulo revelou a identidade deste povo:

“Que diremos, pois? Que *os gentios*, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. Mas Israel, que buscava a Lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da Lei; *tropeçaram na pedra de tropeço...* Mas digo: Porventura Israel não o soube? Primeiramente diz Moisés: Eu vos porei em ciúmes *com aqueles que não são povo*, Com gente insensata vos provocarei à ira. E Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que *não me buscavam*, Fui manifestado aos que por mim *não perguntavam*”. (Romanos 9.30-31,10.19-20)

O povo a quem o Reino de Deus foi transferido é claramente os gentios. As Escrituras costumam dividir o mundo em dois grupos: *israelitas* e *gentios*. No grupo dos gentios estavam todas as nações que não fossem Israel. Sob o Antigo Pacto, os gentios eram aqueles que, com poucas exceções, “não perguntavam por mim... não me

buscavam... não se chamava do meu nome”. (Isaías 65.1) Isso não deve ser de qualquer forma entendido como se os judeus tivessem sido *inteiramente* lançados fora por Deus ou que eles não têm mais acesso a Deus pelo mero fato de serem judeus. *Israel foi lançada fora de sua posição especial de rainha das nações.* A situação dos judeus como indivíduos é agora semelhante a dos gentios sob o Antigo Pacto. Os gentios crentes eram uma minoria em relação aos judeus. A maioria dos gentios era pagã. Agora é o contrário. Os judeus cristãos são uma minoria em relação aos gentios cristãos. Os gentios são a maioria dos que administram o pacto. E o motivo disso é que o Reino de Deus foi transferido de Israel para os gentios. “Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e *será dado a um povo que dê os seus frutos*”. (Mt 21.43)

O Apóstolo Paulo falou com clareza sobre a relação entre a queda de Israel e a vocação dos gentios na epístola aos Romanos:

“Logo, pergunto: Porventura tropeçaram de modo que caíssem? De maneira nenhuma, antes pelo seu tropeço *veio a salvação aos gentios*, para incitá-los à emulação”. (Rm 11.11)

O tropeço em questão foi à apostasia nacional de Israel. Tendo tropeçado, Israel foi igualado aos gentios. *Tendo tropeçado, Israel caiu da posição de soberania sobre os gentios.* Por causa da apostasia de Israel, sob o Novo Pacto a distinção entre Israel e os gentios deixa de existir. *É anulada a posição anterior de rainha entre as nações.* Aqui Paulo está se referindo ao mesmo que fora dito por Jesus na parábola da vinha e o mesmo que fora profetizado por Isaías. Apesar disso, Paulo explica que não devemos esperar que a apostasia de nacional de Israel permanecesse para sempre:

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, *até que a plenitude dos gentios haja entrado*; e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades”. (Romanos 11.25-26)

Pela apostasia nacional de Israel, o Evangelho chegou aos gentios. O endurecimento de Israel não foi completo, mas ficou um remanescente – “em parte”. Mas Paulo diz que esse endurecimento não permaneceria para sempre. Permaneceria somente *“até que a plenitude dos gentios haja entrado”*. (v.25) “Plenitude” ai deve ser entendida como oposto de “em parte”. Em nosso próprio tempo, a número de gentios cristãos é uma minoria em relação ao número total de gentios. Da mesma forma o número de judeus cristãos é uma minoria em relação ao número total de judeus. O que Paulo está dizendo é que os judeus cristãos continuarão sendo um remanescente, *até que o número de cristãos deixe de ser uma minoria entre os gentios e passe a ser a maioria*. O que Paulo está dizendo é que a conversão nacional de Israel acontecerá *após a conversão do mundo inteiro*. Este texto, mais do que qualquer outro no Novo Testamento, deixa claro que quando a Bíblia fala na vocação dos gentios, ela não está falando somente da conversão de alguns indivíduos dentre as nações. Ela não está falando da conversão de um remanescente entre os gentios enquanto a maior parte permanece em trevas. A vocação dos gentios nas Escrituras é muito mais do que isso. *A chegada do Evangelho aos gentios significa a progressiva conversão das nações como um todo até que o mundo inteiro seja convertido*. Isso não significa que cada indivíduo da face da terra estará convertido. Mas da mesma forma a apostasia nacional de Israel não significou que cada judeu individualmente era um apostata. A apostasia de Israel foi a sua apostasia *nacional*, o que incluía a maioria dos judeus. Assim também a

conversão da plenitude dos gentios não significa que cada gentio individualmente será cristão, mas que a maior parte das pessoas será, que o mundo *como um todo* será. É por isso que Paulo descreve a chegada do Evangelho aos gentios como sendo “a reconciliação do mundo”:

“Porque, se a sua rejeição [de Israel] é *a reconciliação do mundo*, qual será a sua *admissão*, senão a vida dentre os mortos?”
(Romanos 11.15)

A admissão de Israel aqui deve ser entendida como o oposto de sua rejeição. É a conversão nacional de Israel, em contraste com a atual situação em que a maioria é apostata e só uma minoria obedece ao Evangelho. Pela apostasia nacional de Israel o Evangelho chegou aos gentios. As nações serão convertidas. O mundo é reconciliado com Deus. Isso foi uma benção para o mundo. Mas quando acontecer a conversão nacional de Israel, virá uma benção ainda maior: *a ressurreição dos mortos*. Jesus Cristo ensinou que a ressurreição dos mortos acontecerá no fim da história: “E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia”. (Jo 6.39) Paulo ensinou o mesmo: “Porque o Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão...” (I Ts 4.16) Isso significa que a conversão nacional de Israel será o sinal de que a Segunda Vinda de Jesus Cristo estará prestes a acontecer. *Isso significa que a Segunda Vinda de Jesus Cristo não poderá acontecer sem que antes aconteça a conversão do mundo inteiro, de todas as nações. E a última das nações será Israel.*

Muitos argumentam que “a plenitude dos gentios” não se refere à conversão nacional dos povos do mundo. Acreditam que se refere à conversão de uma *minoridade* dentro os povos e que “plenitude” se refere à totalidade dos eleitos, a totalidade daqueles que haverão se converter,

mas que essa totalidade será uma minoria em relação ao número total de pessoas na terra. Esta interpretação está errada por dois motivos principais.

Primeiro, o texto define claramente o que “plenitude” significa. “Assim, pois, também *no tempo presente* ficou *um remanescente* segundo a eleição da graça... Ora se o tropeço deles é a riqueza do mundo, e a sua *diminuição* a riqueza dos gentios, quanto mais a sua *plenitude*... Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será *a sua admissão*, senão a vida dentre os mortos?” (Rm 11.5,12,15) “Plenitude” no verso 12 é claramente o oposto de “remanescente” no verso 5. “Remanescente” no verso se refere ao fato de que o número de judeus crentes era uma minoria em relação ao número total de judeus. Em contraste a isso, “plenitude” é equivalente a “admissão” que será seguida da ressurreição dos mortos e se refere ao tempo em que haveria uma conversão nacional do povo de Israel e por isso o número de judeus crentes deixaria de ser um “remanescente”. Portanto, a “plenitude dos gentios” necessariamente tem ser entendida da *mesma* maneira. “Plenitude” significa que o número de gentios crentes será uma maioria em relação ao número total de gentios.

Segundo, se o número de gentios crentes nunca se tornar uma maioria em relação ao número total de gentios, se jamais devemos esperar uma conversão *nacional* dos povos de forma que as nações sejam cristãs, então a comparação que Jesus faz entre Israel e os gentios em sua parábola os dois grupos em sua parábola do proprietário da vinha *não faz qualquer sentido*! Jesus disse que o Reino de Deus seria transferido de Israel para os gentios de forma que daria frutos como Israel não deu: “Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo *que dê os seus frutos*”. (Mt 21.43) Mas se por toda história os gentios permanecessem tendo somente *uma minoria* cristão, então *de que*

maneira faria sentido ele dizer que eles seriam diferentes de Israel? A comparação toda de Jesus é precisamente que naquilo que Israel fracassou os gentios *não* fracassariam. Se os gentios tem uma *minoria* cristã, Israel também tinha nas piores fases de sua história e não há diferença essencial entre uma coisa e outra. Evidentemente não é sobre isso que Jesus está falando. Jesus está falando da mesma coisa que Paulo aos Romanos. Jesus está falando da entrada da *plenitude dos gentios*! Como Paulo encerra sua carta dizendo:

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, *dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé*”. (Romanos 16.25-26)

VIII

ELEITOS DE DEUS

“Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade, saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas”. (Lucas 21.20-22)

O tema central das profecias do Apocalipse é a transferência do Reino de Deus de Israel aos gentios. O processo de transferência durou cerca de 40 anos. Com a morte de Cristo, o Novo Pacto foi estabelecido. *Com a destruição de Jerusalém e do templo a transferência estava consumada.* O propósito central das profecias do Apocalipse é identificar os personagens centrais desta transferência e identificar as circunstâncias em que aconteceria. As sete trombetas e os sete cálices conduzem diretamente a queda de Jerusalém. Falam dos eventos que conduziam ao juízo de Deus sobre Israel.

A visão de Apocalipse 7 fala do que era necessário acontecer antes para que o juízo viesse sobre Israel:

“E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, tendo o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, quem fora dado que danificassem a terra e o mar, dizendo: Não danifiquem a terra, nem o mar, nem as árvores, *até que selemos na sua frente os servos do nosso Deus*. E ouvi o número dos que foram assinalados com o selo, cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel: da tribo de Judá havia doze mil assinalados; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zabulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil assinalados”. (Apocalipse 7.2-8)

O texto fala sobre quatro anjos. Os quatro anjos recebem ordens de que deveriam procrastinar o juízo até que uma quantidade específica de pessoas fosse selada. O profeta Ezequiel teve uma visão parecida:

“E a glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava, e passou para a entrada da casa; e clamou ao homem vestido de linho, que trazia o tinteiro de escrivão à sua cintura. E disse-lhe o Senhor: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e *marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela*. E aos outros disse ele, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele, e feri; não poupe o vosso olho, nem vos compadeçais. Matai velhos, mancebos e virgens, criancinhas e mulheres, até exterminá-los; mas não vos chegueis a qualquer sobre quem estiver o sinal; e começai pelo meu santuário. Então começaram pelos anciãos que estavam diante da casa”. (Ezequiel 9.3-6)

O texto fala da destruição de Jerusalém e do templo que ocorreu mediante a invasão Babilônica. Mas a destruição não veio sobre os judeus completamente. Um remanescente foi poupado. Os remanescentes eram *os arrependidos* e na visão de Ezequiel estes foram “selados”⁵⁶. Com base nisso devemos entender que o propósito da visão de Apocalipse é comparar a destruição de Jerusalém pelos babilônicos com a destruição de Jerusalém pelos romanos. Assim como Jerusalém e o templo foram destruídos no tempo de Ezequiel também seriam no tempo de João. E da mesma forma que um *remanescente* dentro os judeus foi selado no tempo de Ezequiel também seria no tempo de João. *Os cento e quarenta e quatro representam a totalidade deste remanescente dentre os judeus*. O número não deve ser entendido literalmente. Mil significa simplesmente “muitos” (cf. Lv 26.8; Dt 7.9; Sl 50.10; Sl 90.4) e cento e quarenta e quatro é simplesmente o resultado de doze vezes doze (por causa das *doze* tribos). O propósito do texto é dizer que Israel não seria *completamente* destruído, mas haveria um remanescente sendo poupado. Como disse Isaías: “Se o Senhor dos exércitos não nos deixara alguns *sobreviventes*, já como Sodoma seríamos, e semelhantes a Gomorra”. (Is 1.9)

É importante notar que essa não é a única vez que João vê o grupo do cento e quarenta e quatro mil: “E olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam na fronte escrito o nome dele e o nome de seu Pai”. (Ap 14.1) João viu os cento e quarenta e quatro mil *logo após* a visão das duas bestas. Se entendermos que eles representavam o *remanescente* de Israel

⁵⁶ É interessante notar que quando o texto diz “marca com um *sinal* as testas” (v. 4), a palavra traduzida como *sinal* no português é letra **tav** no paleohebraico do texto original de Ezequiel e esta letra tinha justamente um formato de cruz. Possivelmente o motivo disso era porque o sinal apontava profeticamente para a salvação daquele povo unicamente pelos méritos de Cristo crucificado! (I Co 1.23)

fica fácil entender por que esta visão aconteceu após a visão das duas bestas. A mulher que fugiu para o deserto é *equivalente* aos cento e quarenta e quatro mil. Ambos representam a Israel *espiritual*. É por isso que diz: “Estes são os que não se contaminaram com mulheres; porque *são virgens*”. (Ap 14.4) Não devemos aqui que a referência seja a pessoas literalmente virgens. Novamente, o pano de fundo aqui é a história de Balaque a Balaão:

“Ora, Israel demorava-se em Sitim, e o povo começou a prostituir-se com as filhas de Moabe, pois elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses... Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, fizeram que os filhos de Israel pecassem contra o Senhor no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor”. (Números 25.1-2; 31.16)

O objetivo do texto é dizer que os israelitas que não haviam se contaminado com o paganismo no Império Romano eram como seus antepassados que não haviam se contaminado com a idolatria e prostituição de Balaque e Balaão. A virgindade aqui significa a pureza espiritual daquele que não se contaminou com a idolatria: “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; pois vos desposi com um só Esposo, Cristo, para vos apresentar a ele como *virgem pura*”. (I Coríntios 11.2) Esta era a diferença entre o Israel de Deus e o Israel carnal, que não é virgem, mas é a grande *prostituta*. A Israel carnal tinha a marca da besta. A Israel espiritual tinha o selo do Cordeiro.

Depois da visão dos cento e quarenta e quatro mil, João viu os mártires no céu:

“Depois destas coisas olhei, e eis uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e em presença do Cordeiro, trajando compridas vestes brancas, e com palmas nas mãos... Disse-me ele: *Estes são os que vêm de grande tribulação, e levaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro*”. (Ap 7.9-14)

O propósito desta visão é mostrar que o número dos mártires finalmente se completou como Deus havia dito que era necessário acontecer: “E foram dadas a cada um deles compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, *até que se completasse o número de seus conservos, que haviam de ser mortos, como também eles o foram*”. (Ap 6.11) E tendo se completado, a vingança finalmente cairia sobre Israel. A medida de sua iniquidade finalmente estava cheia.

IX

FOGO DO ALTAR

“Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”. (Apocalipse 17.1)

O juízo de Deus sobre a grande prostituta por meio do exército romano foi profetizado na visão das sete trombetas (Ap 8-11):

“Quando abriu o sétimo selo, fez-se silêncio *no céu*, quase por meia hora. E vi os sete anjos que estavam em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”. (Apocalipse 8.1-2)

O silêncio de meia hora é uma referência à iminência do juízo de Deus que revela Sua soberania e domínio: “Tu, sim, tu és tremendo; e quem subsistirá à tua vista, quando te irares? Desde o céu fizeste ouvir o teu juízo; a terra tremeu e *se aquietou*, quando Deus se levantou para julgar, para salvar a todos os mansos da terra”. (Sl 76.7-9) “*Cale-se*, toda a carne, diante do Senhor; porque ele se levantou da *Sua santa morada*”. (Zc 2.13) Diante da manifestação de Seu poder todo universo se cala. O destino das nações não é determinado por qualquer autonomia no próprio homem ou por qualquer força inerente na natureza. O domínio é de Deus, o destino dos povos é ordenado por Seu poder, e por isso o juízo sobre as nações é descrito como partindo de Seu santo templo celestial.

O Apocalipse mostra também que o juízo sobre Israel aconteceu em resposta à oração dos santos:

“Veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para que o oferecesse com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. Depois do anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o lançou sobre a terra”. (Apocalipse 8.3-5)

Infelizmente muitos usam a soberania ou onisciência de Deus como justificativa pra fazer pouco caso da importância oração. Mas aqui Deus mostra que a eficácia da oração é tão grande que não é somente um meio de termos nossas necessidades pessoais atendidas, mas é um meio de transformar o mundo! *Aqui Deus mostra que quando Igreja ora com fê fogo do altar celestial é lançado a terra.* Por vezes demais ficamos indignamos com a maneira que as coisas são, com injustiças que ganham cada vez mais força, mas ao mesmo tempo não dobramos nossos joelhos nem clamamos a Deus com a mesma intensidade e perseverança com que ficamos indignados. Deixamos de crer que Deus que de fato rege e governa as nações? Deixamos de crer na Divina Providência a passamos a crer no poder do acaso ou da soberania das conspirações humanas? Aos que pensam assim, ainda que implicitamente, o Salmo não mede palavras:

“Atendei, ó tolos, dentre o povo; e vós, insensatos, quando haveis de ser sábios? Aquele que fez ouvido, não ouvirá? ou aquele que formou o olho, não verá? *Porventura aquele que disciplina as nações, não corrigirá?*” (Sl 94.8-10)

A referência aos “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8.5) remete ao que aconteceu no estabelecimento do Antigo Pacto:

“Ao terceiro dia, ao amanhecer, *houve trovões, relâmpagos, e uma nuvem espessa sobre o monte; e ouviu-se um somido de buzina mui forte*, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Nisso todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, *e todo o monte tremia fortemente*”. (Ex 19.16-18)

A epístola aos Hebreus explica que esse acontecimento reflete a separação e inacessibilidade de Deus *para aqueles que permanecem sob seu juízo*:

“Pois não tendes chegado ao *monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao somido da trombeta, e à voz das palavras*, a qual os que a ouviram rogaram que não se lhes falasse mais; porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo aterrorizado e trêmulo. *Mas tendes chegado ao Monte Sião*, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, a miríades de anjos; à universal assembleia e Igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; e a Jesus, o mediador de um novo pacto, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel”. (Hb 12.18-24)

O monte Sinai foi onde Moisés recebeu a Lei. Mas se nenhum homem tem *em si mesmo* a capacidade de cumprir qualquer um dos mandamentos de Deus, então “tudo o que a Lei diz, aos que estão debaixo da Lei o diz, *para que se cale toda boca e todo o mundo fique sujeito ao*

juízo de Deus”. (Rm 3.19) É isso que os “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8.5) indicam. Já o monte Sião era o local do templo. O templo era o lugar de sacrifícios e, portanto de *reconciliação* com Deus. Sendo assim, o monte Sinai aponta para a *condenação* da Lei enquanto o monte Sião aponta para a *justificação* pela graça. É por isso que o Apocalipse mostra a Israel espiritual sobre o monte Sião e não sobre o monte Sinai: “E olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o *Monte Sião*, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam na fronte escrito o nome dele e o nome de seu Pai”. (Ap 14.1) Foi sobre isso que Apóstolo Paulo escreveu aos Gálatas:

“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa. O que se entende por alegoria: pois essas mulheres são dois pactos; *um do monte Sinai*, que dá à luz filhos para a servidão, e que é Agar. Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos. Mas *a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é nossa mãe*. Pois está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz; esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque mais são os filhos da desolada do que os da que tem marido. Ora vós, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Mas, como naquele tempo o que nasceu segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim é também agora. Que diz, porém, a Escritura? *Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre*. Pelo que, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre”. (Gl 4.22-31)

A visão dos “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8.5) aponta para o juízo de Deus que viria sobre a Israel carnal que estava

prestes a ser *lançada fora da mesma maneira que foi Agar*. Então o primeiro anjo tocou a primeira trombeta:

“O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve *saraiva e fogo misturado com sangue*, que foram lançados na terra; e foi queimada a terça parte da terra, a terça parte das árvores, e toda a erva verde”. (Apocalipse 8.7)

A visão de fogo sendo lançado na terra lembra as palavras de Jesus: “Vim lançar fogo à terra; e que mais quero, se *já está aceso?*” (Lc 12.49) O sangue misturado indica que a vingança é pelo sangue dos mártires. “E nela se achou *o sangue* dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra”. (Ap 18.24) “Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas: e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros os perseguireis de cidade em cidade; para que *sobre vós caia todo o sangue justo*, que foi derramado sobre a terra”. (Mt 23.34-35) O fogo e a saraiva juntos lembram o juízo de Deus sobre o Egito: “E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e *o Senhor enviou trovões e saraiva, e fogo desceu à terra*; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito”. (Ex 9.23) O objetivo é dizer que Israel havia se tornado como o Egito e por isso teria o mesmo destino. A comparação é mais explícita no capítulo 11 quando fala “da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e *Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado*”. (Ap 11.8)⁵⁷ Deus avisou: “Se ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto diante de seus olhos, e inclinares os ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, sobre ti não

⁵⁷ A comparação é implícita em Gálatas 4. Paulo reconhece os judeus incrédulos como filhos de Agar e ela era *egípcia* (Gn 16.1). A ligação espiritual dos israelitas incrédulos com o Egito pode ser verificada já quando o povo estava no deserto, pois eles constantemente manifestavam o desejo de voltar para lá (Ex 14.11; Ex 16.2-3; Ex 17.2-3; Nm 14.1-4). Vemos o mesmo no período dos profetas na constante confiança que depositavam nas alianças com o Egito (Is 30.1-7).

enviarei nenhuma das enfermidades *que enviei sobre os egípcios*; porque eu sou o Senhor que te sara”. (Ex 15.26) Mas Israel não inclinou seus ouvidos.

A visão parece se referir ao mesmo que é dito no fim do capítulo 16: “E sobre os homens caiu do céu *uma grande saraivada, pedras quase do peso de um talento*; e os homens blasfemaram de Deus...” (Ap 16.21) É provável que o cumprimento tenha sido naquilo que o historiador Flávio Josefo escreveu que aconteceu durante a guerra:

“As catapultas que todas as legiões haviam preparados para eles foram admiravelmente projetadas. Mas as que pertenciam à décima legião eram ainda mais extraordinárias. Aquelas que lançavam *dardos* e aquelas que lançavam *pedras eram maiores e mais fortes que as outras*. Elas não somente repeliram as incursões dos judeus, mas também obrigou aqueles que estavam sobre os muros a se afastar. As pedras que eram lançadas *tinham o peso de um talento*... Quanto aos judeus, a princípio eles viam a pedra vindo, pois era de cor branca e por isso poderia ser percebida não somente pelo grande barulho que fazia, mas também por causa de seu grande brilho...”⁵⁸

Aqui Flávio Josefo nos conta que os romanos atacaram Jerusalém lançando dardos (que eram lançados com *fogo*) e pedras de *cor branca* e cujo peso era de *um talento* (cf. Ap 16.21). Isso faria com que tais pedras fossem semelhantes à saraiva caindo do céu. É provável que seja essa a comparação que o Apocalipse faz quando fala em saraiva e fogo sendo lançados sobre a terra.

⁵⁸ Flávio Josefo, “A Guerra dos Judeus”, Livro V, Capítulo 6, seção 3.

O texto diz também que “foi queimada a terça parte da terra, a terça parte das árvores, e toda a erva verde.” (Ap 8.7) Flávio Josefo descreveu a situação:

“Verdadeiramente a aparência da terra era muito melancólica; pois aqueles lugares que antes eram adorados *com árvores e jardins agradáveis se tornaram desolados...* nem poderia qualquer estrangeiro, que viu a Judéia e os mais belos subúrbios da cidade anteriormente... fazer outra coisa se não lamentar e chorar com tristeza por uma mudança tão grande”.⁵⁹

“A terça parte” (Ap 8.7) significa simplesmente que a destruição não era ainda sobre *o todo*, mas era *parcial*. A mesma linguagem foi usada em Ezequiel para se referir ao mesmo – uma destruição parcial - quando ele falou da invasão Babilônica contra Jerusalém:

“Assim diz o Senhor Deus: *Esta é Jerusalém*; coloquei-a no meio das nações, estando os países ao seu redor; ela, porém, se rebelou perversamente contra os meus juízos, mais do que as nações, e os meus estatutos mais do que os países que estão ao redor dela; porque rejeitaram as minhas ordenanças, e não andaram nos meus preceitos... Portanto, tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, pois que profanaste o meu santuário com todas as tuas coisas detestáveis, e com todas as tuas abominações, também eu te diminuirei; e não te perdoarei, nem terei piedade de ti. *Uma terça parte* de ti morrerá da peste, e se consumirá de fome no meio de ti; e *outra terça parte* cairá à espada em redor de ti; e a *outra terça parte*, espalha-la-ei a todos os ventos, e desembainharei a espada atrás deles. Assim se cumprirá a minha ira, e satisfarei neles o meu furor, e me consolarei; e

⁵⁹ Ibid., Livro VI, capítulo 1, seção 1.

saberão que sou eu, o Senhor, que tenho falado no meu zelo, quando eu cumprir neles o meu furor”. (Ezequiel 5.5-6,11-13)

Em seguida o segundo anjo tocou a segunda trombeta:

“O segundo anjo tocou a sua trombeta, *e foi lançado no mar como que um grande monte ardendo em fogo*, e tornou-se em sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas viventes que havia no mar, e foi destruída a terça parte dos navios”. (Apocalipse 8.8-9)

Esta visão lembra as palavras do profeta Jeremias:

“Assim diz o Senhor: Eis que levantarei um vento destruidor *contra Babilônia...* Eis-me aqui contra ti, *ó monte destruidor*, diz o Senhor, que destróis toda a terra; estenderei a minha mão contra ti, e te revolverei dos penhascos abaixo, e *farei de ti um monte incendiado*. E não tomarão de ti pedra para esquina, nem pedra para fundamentos; mas desolada ficarás...” (Jeremias 51.1,25-26)

Aqui Deus não fala sobre um monte *literal*. O monte representa o Império Babilônico. E o monte sendo incendiado e sendo revolido dos penhascos abaixo representa a *destruição da Babilônia*. A visão de Jeremias se cumpriu quando a Babilônia foi atacada pelo Império Medo-Persa⁶⁰. O Apocalipse compara Israel com a Babilônia (Ap 17.5) e por isso descreve sua destruição da mesma maneira. O próprio Jesus fez a mesma comparação usando a figura do monte:

“Ora, de manhã, ao voltar à cidade, teve fome; e, avistando uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, e não

⁶⁰ Isso foi profetizado ainda mais claramente no livro de Daniel que explicitamente identificou o Império Medo-Persa como o instrumento de Deus para destruir a Babilônia (cf.. Dn 5.8, 2.38, 7.5).

achou nela senão folhas somente; e disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente. Quando os discípulos viram isso, perguntaram admirados: Como é que imediatamente secou a figueira? Jesus, porém, respondeu-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até, *se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, isso será feito*”. (Mateus 21.18-21)

Jesus estava falando de um monte literal? Se de fato estava, não há qualquer evidência histórica de qualquer cristão que tenha conseguido fé suficiente para transportar montes. Mas qual seria o objetivo de alguém querer lançar um monte ao mar? Por que isso sequer seria motivo de oração? O fato é que Jesus não estava falando de um monte literal. O monte se referia a *Israel*. No contexto, Jesus expulsou os vendilhões do templo (Mt 21.12-13), discutiu publicamente com as autoridades judaicas (Mt 21.23-32, 23.1-39) e lhes avisou sobre a destruição de Jerusalém e do templo naquela mesma geração (Mt 21.33-46, Mt 23.34-39). Quando Jesus secou a figueira, isso era uma forma de avisar sobre o que estava prestes a acontecer com Israel⁶¹. Da mesma forma, o monte sendo lançado ao mar é equivalente a Israel assim como o monte no oráculo de Jeremias era equivalente a Babilônia.

É importante perceber que Jesus disse que o monte sendo lançado ao mar seria *em resposta a orações imprecatórias de seus discípulos*. No Apocalipse vemos que isso de fato se cumpriu porque as trombetas começaram a tocar *justamente em resposta a oração dos santos* (Ap 8.3-4).

⁶¹ O profeta Oséias comparou Israel com uma figueira: “Achei a Israel como uvas no deserto, vi a vossos pais como *a fruta temporã da figueira* no seu princípio; mas eles foram para Baal- Peor, e se consagraram a essa coisa vergonhosa, e se tornaram abomináveis como aquilo que amaram”. (Oséias 9.10)

Esse é o poder da oração. Uma nação inteira foi destruída em resposta a oração com fé⁶².

O texto diz que mediante isso “tornou-se sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas viventes que havia no mar, e foi destruída a terça parte dos navios”. (Ap 8.8-9) Novamente, vemos uma semelhança com o Egito (cf. Ap 11.8): “Assim diz o Senhor: Nisto saberás que eu sou o Senhor: Eis que eu, com esta vara que tenho na mão, ferirei as águas que estão no rio, e elas se tornarão *em sangue*. E os peixes que estão no rio morrerão, e o rio cheirárá mal; e os egípcios terão nojo de beber da água do rio”. (Ex 7.17-18) Flávio Josefo narrou o que parece ter sido o cumprimento:

“Mas agora quando os *navios* estavam prontos, Vespasiano colocou a bordo o número de suas forças que achou suficiente... Às vezes os romanos pulavam em seus *navios*, com uma espada em mão, e os matava... E quanto aos que estavam se afogando no mar, se levantassem suas cabeças da água, eram mortos pelos dardos ou pegos pelos navios... E houve um terrível odor e uma visão muito triste nos dias que seguiram... pois quanto ao litoral, estava cheio de *navios* e de *cadáveres* completamente inchados; e à medida que os cadáveres eram inflamados pelo sol e apodreciam, corrompiam o ar, de modo que a miséria não era objeto de comiseração somente para os judeus, mas para aqueles que os odiavam e haviam sido os autores daquela miséria... O número de mortos, incluindo os que haviam morrido antes na cidade, era de *seis mil e quinhentos*”.⁶³

⁶² Isso deve nos levar a perguntar: De que forma os santos têm se movido em oração contra dominadores iníquos que perseguem o povo de Deus implacavelmente em nações islâmicas? De que forma a Igreja tem se levanta em oração contra os operadores da iniquidade que afligem o órfão, a viúva, o pobre e o desamparado?

⁶³ Flávio Josefo, “A Guerra dos Judeus”, Livro III, capítulo 10, seção 9.

O mar “tornou-se sangue” porque estava cheio de cadáveres dos que morreram na batalha naval, na qual “foi destruída a terça parte dos navios” (Ap 8.9).

Em seguida o terceiro anjo tocou a terceira trombeta:

“O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas. O nome da estrela era Absinto; e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas”. (Apocalipse 8.10-11)

A visão da estrela caindo do céu remete as palavras de Isaías:

“Proferirás esta parábola contra *o rei de Babilônia*, e dirás: Como cessou o opressor! como cessou a tirania! Já quebrantou o Senhor o bastão dos ímpios e o cetro dos dominadores; cetro que feria os povos com furor, com açoites incessantes, e que em ira dominava as nações com uma perseguição irresistível... *Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva!* como foste lançado por terra tu que prostravas as nações!” (Isa 14.4-6,12)

A queda da estrela aqui significava a queda da Babilônia. A profecia se cumpriu quando a Babilônia foi atacada pelo Império Medo-Persa. Na Bíblia autoridades são frequentemente comparadas a estrelas (cf. Gn 37.9; Is 13.10; Ez 32.7,8; Jd 13, Ap 1.16-20). Novamente, o objetivo do Apocalipse é comparar Israel com a Babilônia e por isso descreve sua destruição da mesma maneira.

O absinto é uma erva *amarga* frequentemente usada para descrever a tristezas, as aflições e o sofrimento (cf. Dt 29.18; Pv 5.4; Jr 9.15; 23.15;

Lm 3.15.19; Am 5.7; Ap 8.11). Deuteronômio associa o absinto à maldição pactual sobre Israel pela transgressão da Lei de Deus:

“... para que entre vós não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo, cujo coração hoje *se desvie do Senhor nosso Deus*, e vá servir aos deuses dessas nações; para que entre vós não haja raiz *que produza absinto e fel*, e aconteça que alguém, ouvindo as palavras deste juramento, se abençoe no seu coração, dizendo: Terei paz, ainda que ande na teimosia do meu coração para acrescentar à sede a bebedeira”. (Deuteronômio 29.18-19)

Esta maldição seria o inverso do que Deus fez acontecer na libertação do Egito:

“Depois Moisés fez partir a Israel do Mar Vermelho, e saíram para o deserto de Sur; caminharam três dias no deserto, e não acharam água. E chegaram a Mara, mas *não podiam beber das suas águas, porque eram amargas*; por isso chamou-se o lugar Mara. E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? Então clamou Moisés ao Senhor, e o Senhor mostrou-lhe uma árvore, e Moisés lançou-a nas águas, *as quais se tornaram doces*. Ali Deus lhes deu um estatuto e uma ordenança, e ali os provou”. (Êxodo 15.22-25)

Água é fundamental para a sobrevivência humana. Por isso é frequentemente citada na Bíblia como símbolo do sustento espiritual do Senhor (cf. João 4.14). A água amarga é o reverso disso e aponta para a maldição daqueles que se opõem a Deus. A transformação da água amarga em doce por Moisés apontava para as bençãos pactuals de Deus sobre Israel. Jeremias profetizou sobre a aplicação histórica da maldição do absinto:

“E diz o Senhor: *porque deixaram a minha Lei*, que lhes pus diante, e não deram ouvidos à minha voz, nem andaram nela, antes andaram obstinadamente segundo o seu próprio coração, e após baalins, como lhes ensinaram os seus pais. Portanto assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: *Eis que darei de comer absinto a este povo, e lhe darei a beber água de fel*”. (Jeremias 9.13-15)

“Mas nos profetas de Jerusalém vejo uma coisa horrenda: cometem adultérios, e andam com falsidade, e fortalecem as mãos dos malfetores, de sorte que não se convertam da sua maldade; eles têm- se tornado para mim como Sodoma, e os moradores dela como Gomorra. Portanto assim diz o Senhor dos exércitos acerca dos profetas: *Eis que lhes darei a comer absinto, e lhes farei beber águas de fel*; porque dos profetas de Jerusalém saiu à contaminação sobre toda a terra”. (Jeremias 23.14-15)

Em seguida o quarto anjo tocou a quarta trombeta:

“O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhante, e semelhantemente a da noite”. (Apocalipse 8.12)

Em seguida o quinto anjo tocou a quinta trombeta:

“O quinto anjo tocou a sua trombeta, e *vi uma estrela que do céu caíra sobre a terra*; e foi-lhe dada a chave do poço do *abismo*. E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como fumaça de uma grande fornalha; e com a fumaça do poço escureceram-se o sol e o ar. Da fumaça saíram *gafanhotos* sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o que têm os escorpiões da terra. Foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens *que não*

têm na frente o selo de Deus. Foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por *cinco meses* os atormentassem. E o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem... *Tinham sobre si como rei o anjo do abismo*, cujo nome em hebraico é Abadom e em grego Apoliom”. (Apocalipse 9.1-4,11)

Os gafanhotos lembram o que aconteceu com o Egito (Ex 10.3-5) e novamente o objetivo é comparar Israel com os egípcios. Mas o texto indica que os gafanhotos não sejam qualquer flagelo *físico*, mas que sejam tormentos de *espíritos imundos*. Pois diz que “foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma” e que mesmo no caso dos “homens que *não têm* na frente o selo de Deus” (v. 4) “Foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem”. (v. 5) Isto deixa claro que o flagelo *não* era físico. O texto diz também que “foi-lhes dado poder, como o que têm os escorpiões da terra” (v. 3) e que “o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem” (v. 5). Jesus comparou *demônios* com escorpiões:

“Voltaram depois os setenta com alegria, dizendo: Senhor, em teu nome, até *os demônios* se nos submetem. Respondeu-lhes ele: Eu via Satanás, como raio, cair do céu. Eis que vos dei autoridade para *pisar serpentes e escorpiões*, e sobre todo o poder do inimigo; e nada vos fará dano algum. Contudo, não vos alegréis porque se *vos submetem os espíritos*; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus”. (Lucas 10.17-20)

A expulsão de demônios era recorrente tanto no ministério público de Jesus quando no ministério dos apóstolos. Mas isso não foi o suficiente para impedir a apostasia da maioria dos judeus. Isso foi explicado com clareza por Jesus:

“Ora, havendo o espírito imundo saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E, chegando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entretanto, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro. *Assim há de acontecer também a esta geração perversa*”. (Mateus 12.43-45)

Aqui Jesus explicou que o fato de alguém ter um demônio expulso de seu corpo não significa que esta pessoa seja de fato convertida. Uma pessoa só é de fato cristã quando é habitação do Espírito Santo (cf. Rm 8.9, I Co 3.16, Gl 4.6). Na explicação de Jesus, o espírito imundo havia saído do homem, mas ele não se tornou habitação do Espírito Santo. A casa estava varrida e adornada, mas estava “*desocupada*”. (v. 44). Sendo assim, o demônio voltou com outros ainda piores e aquele homem se tornou ainda pior do que era antes do demônio ser expulso dele (v. 45).

Isso é um princípio universal que se aplica a todos que passam por uma conversão *externa e aparente*, mas que não passam por uma conversão *genuína*. Mas Jesus explicou que isso é o que aconteceria coletivamente com a nação de Israel *naquela mesma geração*. Jesus, e os apóstolos depois d’Ele passaram anos limpando Israel de espíritos imundos. Mas, ainda assim, a maioria não creu. *E porque não creram demônios ainda piores voltaram para atormentar Israel*. Esse é o significado da visão do ataque de gafanhotos com poder de escorpião no toque da quinta trombeta. Quando a medida da iniquidade de Israel finalmente se encheu, o povo foi entregue por Deus aos mais terríveis demônios para serem atormentados. É por isso que não podiam fazer dano aos

que tinham “na frente o selo de Deus”. (Ap 9.4) O Apóstolo Paulo explicou qual era o selo de Deus: “no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes *selados com o Espírito Santo* da promessa”. (Ef 1.13) “E não entristeçais *o Espírito Santo de Deus*, no qual fostes *selados* para o dia da redenção”. (Ef 4.30) O texto diz também que “o ruído das suas asas era como o ruído de carros de muitos cavalos que correm ao combate”. (Ap 9:9) Este foi um barulho semelhante ao feito pelos anjos na nuvem de glória (cf. Ez 1.24, 3.13, II Rs 7.5-7). A diferença é que estes eram anjos *caídos*.

Em seguida o sexto anjo tocou a sexta trombeta:

“O sexto anjo tocou a sua trombeta; e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que se acham presos junto do *grande rio Eufrates*. E foram soltos os quatro anjos que haviam sido preparados para aquela hora e dia e mês e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens”. (Ap 9.13-15)

O rio Eufrates formava a fronteira entre Israel e as forças pagãs que no Antigo Testamento Deus ocasionalmente levantava para castigar seu povo⁶⁴. O que o Apocalipse está mostrando com isso é que a destruição de Jerusalém pelos romanos seria semelhante às invasões anteriores de nações pagãs. Flávio Josefo deixou registrado que três mil tropas foram escolhidas dentre aqueles que eram guardavam o rio Eufrates⁶⁵ e que diversos reis do oriente apoiaram Roma e também enviaram soldados⁶⁶.

⁶⁴ Jr 6.1, 22; 10.22; 13.20; 25.9,26; 46.20,24; 47.2; Ez 26.7;38.6,15; 39.2.

⁶⁵ Flávio Josefo, Guerra dos Judeus 5:1:16.

⁶⁶ Flávio Josefo, Guerra dos Judeus 3:4:2, 5:1:6.

“E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, Dizendo: Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados”. (Lucas 19.41-43)

X

O MISTÉRIO DE DEUS

“... e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora, mas que nos dias da voz do sétimo anjo, quando este estivesse para tocar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como anunciou aos seus servos, os profetas”. (Apocalipse 10:5-7)

O “mistério de Deus” que se cumpriria “nos dias da voz do sétimo anjo, quando este estivesse para tocar a trombeta” (v. 7) é um tema recorrente no Novo Testamento, especialmente nas epístolas paulinas. Compreendê-lo é essencial para entender o que acontecer o que acontece na sétima trombeta:

“Portanto, lembrai-vos que outrora vós, gentios na carne, chamam circuncisão, feita pela mão dos homens, estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a

inimizade... Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus... Por esta razão eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus por amor de vós gentios... como pela revelação me foi manifestado **o mistério**, conforme acima em poucas palavras vos escrevi, pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão **do mistério de Cristo**, o qual em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas, **a saber, que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho**. Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder. A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar **entre os gentios**, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo”. (Efésios 2.11-22,3.1-10)

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do **mistério** guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, **dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé**”. (Romanos 16.25-26)

O mistério de Deus que se cumpriria na sétima trombeta é o mesmo que Jesus disse que aconteceria mediante a destruição de Israel – a consumação da transferência do Reino de Deus de Israel as nações, aos gentios: “Fará perecer horivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos... o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mateus 21.41,43). Legalmente, Israel já havia caído de sua posição quando crucificou Jesus Cristo. Mas demorou quarenta anos para que isso fosse aplicado historicamente. Até a queda de Jerusalém e a destruição do templo o Antigo Pacto estava em processo de desaparecimento e o Novo Pacto ainda estava sendo estabelecido. Até a queda de Jerusalém e a destruição do templo, ainda era possível que existissem crentes piedosos que viviam sob as cerimônias do Antigo Pacto, pois ainda não haviam sido avisados de que Jesus Cristo já havia vindo. É por isso que o toque da sétima trombeta faz com que o céu celebra a “reconciliação do mundo” (Rm 11.15):

“E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: **O reino do mundo** passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”.
(Apocalipse 11.15)

O processo de transferência durou cerca de quarenta anos. Ao toque da sétima trombeta a transferência estaria consumada e nações se tornariam herdeiros plenos dos despojos da destruição de Jerusalém como Jesus avisou que aconteceria. O texto diz que quando isso aconteceu é porque veio “o tempo de serem julgados os mortos, e o tempo de dares recompensa aos teus servos, os profetas, e aos santos,

e aos que temem o teu nome”. (Ap 11.18) O julgamento se refere ao que ao pedido dos mártires: “E clamaram com grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap 6:10) A linguagem de recompensa se refere ao mesmo. Como disse Jesus: “para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que mataste entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração”. (Mt 23.35-36)

XI

CAIU! CAIU A GRANDE BABILÔNIA!

“E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo”. (Apocalipse 17:16)

No contexto da destruição da Grande Prostituta - Jerusalém - é preciso entender melhor determinados aspectos da besta que ainda não identificamos. Até aqui já identificamos as sete cabeças como sendo os sete primeiros imperadores de Roma. No capítulo 13, a ênfase da visão é Nero - a sexta cabeça da besta. Já no capítulo 17, a ênfase é um misterioso “oitavo”. Apesar de a visão descrever a besta como tendo sete cabeças, ele se refere também a um “oitavo” (Ap 17.11). Mas se há um oitavo, por qual motivo a besta é descrita como tendo sete cabeças e não *oito*?

Pra começar a compreender, temos que refletir no que já havia dito sobre a *ferida de morte* da besta. “Também vi uma de suas cabeças como se fora *ferida de morte*, mas a sua ferida mortal *foi curada*”. (Ap 13:3). Isso deve ser entendido como uma *imitação* da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Não é a morte e ressurreição literal de um indivíduo, mas é uma descrição figurada do rápido colapso e restauração que o Império Romano sofreu no primeiro século⁶⁷. Assim como Jesus Cristo foi

⁶⁷ Muitos comentaristas modernos acreditam que o verso seja uma referência a um Anticristo futuro que irá literalmente morrer e ressuscitar. Essa não é uma interpretação

ferido de morte, mas ressuscitou, o Império tentaria se mostrar invencível ao se recuperar repentinamente após uma queda dramática.

A ferida mortal da besta aconteceu no dia 9 de Junho de 68 quando o Imperador Nero cometeu suicídio com uma espada no pescoço. Isso trouxe consequências desastrosas ao Império e fez com que ele quase entrasse em colapso. Primeiro, a morte de Nero marcou o fim da dinastia Julio-Claudiana. A linhagem que deu origem, estabilizou, trouxe prosperidade e recebeu adoração do Império simplesmente chegou ao fim. Quando Nero suicidou, foram demolidas as bases que garantia toda a estabilidade do Império. Catástrofes após catástrofes começaram a acontecer. Imediatamente, o Império Romano foi entregue a terríveis guerras civis e outros horrores. O Império quase deixou de existir. O historiador Tacito resumiu bem a situação:

“A história que eu estou prestes a contar é sobre um período rico em desastres, com terríveis batalhas, dominado por lutas civis, horrível mesmo em meio a paz. Quatro imperadores caíram a espada, aconteceram três guerras civis, mais guerras no estrangeiro e as vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Houve sucesso no oriente e infortúnio no ocidente. Ilírico estava perturbada, as províncias gálicas vacilaram, a Bretanha foi subjugada e imediatamente liberta. Os samartianos e suevos insurgiram contra nós; os dácios ganharam fama pelas derrotas inflingidas e sofridas; até os parteseanos foram quase foram induzidos a lutar pelo engano de alguém fingendo ser Nero. Além disso, a Itália estava angustiada por desastres

possível porque a ressurreição de Cristo foi uma demonstração de sua completa soberania e vitória sobre a morte (cf. I Co 15). O Diabo e o Anticristo não vencem a morte e nem tem qualquer poder sobre ela. Portanto o milagre da ressurreição não pode ser operado por eles. Além disso, o Apóstolo Joao deixa claro que é um erro entender o Anticristo como um líder mundial futuro: “Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. *Este tal é o enganador e o anticristo*”. (II Jo 1.7)

anteriormente desconhecidos ou voltando a acontecer depois de muitas eras. Cidades dos ricos litorais da Campania foram engolidas... Roma estava devastada por conflagrações na qual seus santuários mais antigos e a própria capital incendiada pelas mãos dos cidadãos. Ritos sagrados eram profanados; havia adulteros nos lugares altos, o mar estava cheios de cadáveres, seus penhascos estavam imundos com o corpo dos mortos... Além das muitas desgraças que caiu sobre a humanidade, aconteceram prodígios no céu e na terra, avisos dados por relâmpagos e profecias do futuro, algumas alegres e outras sombrias, incertas e obscuras. Por nunca foi tão plenamente comprovado por terríveis desastres do povo romano ou por sinais indubitáveis que os deuses não se importam com nossa segurança, mas nosso castigo... *para o estado romano foi quase o fim*".⁶⁸

O ano de 69 A.D. é conhecido o “ano dos quatro imperadores”. O motivo é que, em meio ao caos, Roma testemunhou quatro imperadores diferentes no poder em um só ano: Galba, Otão e Vitélio e finalmente a ascensão de Vespasiano, fundador da dinastia flaviana. Galba era a sétima cabeça da besta. Foi o imperador que sucedeu Nero. Segundo o anjo, ele permaneceria por pouco tempo no poder: “... o outro ainda não é vindo; e quando vier, *deve permanecer pouco tempo*”. (Ap 17.10) Isso se cumpriu com exatidão na pessoa de Galba. Ele foi Imperador por somente *sete meses* – do dia 8 de Junho de 68 até o dia 15 de Janeiro de 69 – sendo sucedido por Otão. Apesar disso, Otão não deve ser identificado como sendo o misterioso “oitavo” (Ap 17.11).

⁶⁸ Tacitus, Histories, 1:2-3,11.

A besta sendo descrita como tendo *sete* cabeças aponta para a *divinização* da besta. Devemos lembrar que a numerologia tem um papel importante tanto no Apocalipse quanto na Bíblia como um todo. O número seis, por exemplo, está associado à *humanidade*. O homem foi criado no *sexto* dia. O número da besta – 666 – aponta para o humanismo, o antropocentrismo, a divinização do homem, sua exaltação como o centro e medida de todas as coisas, suficiente em si mesmo, o salvador de si mesmo. Já o número sete aponta para o conceito de *plenitude, consumação*. É fortemente associado com Deus. Foi no sétimo dia que Deus “descansou” na consumação da criação do universo. O número oito, por sua vez, aponta para o conceito de *vida e ressurreição*. Jesus ressuscitou no Domingo, o *oitavo dia* – o Dia do Senhor. Sendo ferida exatamente na *sexta* cabeça - Nero César – a besta nunca alcança a nunca consegue alcançar a divinização humana verdadeira. A sétima cabeça não é a consumação da glória e divindade do Império, mas é a sua queda, é o Império *decante e morto* sob o governo de Galba. Já o oitavo não é um sucessor imediato do sétimo. *Este é o motivo pelo qual ele não é contado inicialmente entre as cabeças da besta*. Os sete primeiros são sucessores *imediatos* uns dos outros: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Claudio, Nero e Galba. Júlio César marca o estabelecimento do Império enquanto Galba marca a sua entrada em ruína e decadência. O oitavo é Tito Flávio Sabino Vespasiano, pois foi ele quem *vivificou* o Império de sua ruína e decadência. Por isso ele é associado ao número oito, o número da *ressurreição*.

Vespasiano fundou a dinastia Flaviana, sendo ele o responsável pela estabilização do Império Romano após o período de ruína. Destaca-se o programa de reformas financeiras tão necessárias após a queda da Dinastia Julio-Claudiana, a sua bem-sucedida campanha na Judeia e os seus ambiciosos projetos de construção como o Anfiteatro Flávio, conhecido popularmente como o Coliseu Romano. Também reformulou

o senado e a Ordem Eqüestre e desenvolveu um sistema educativo mais amplo. Por isso diz: “... a sua ferida mortal foi curada e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta”. (Ap 13.3) Foi sob Vespasiano que Jerusalém – a grande prostituta – foi destruída.

A visão fala também dos dez chifres da besta: “Os dez chifres que viste *são dez reis*, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade, como reis, por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta”. (Ap 17.12-13) O anjo explica que os dez chifres devem ser entendidas como autoridades políticas. Ele explica também que eles seriam os agentes para colocar Vespasiano no poder. Se a besta era o Império Romano e as cabeças os imperadores, então o número *dez* parece apontar para as *províncias senatoriais*. O Império Romano não era governado pelo imperador de maneira independente. Seu poder era dividido com o *senado*. O Império era dividido em províncias. As províncias poderiam ser *imperiais* e *senatoriais*. As imperiais eram governadas pelo imperador. As senatoriais eram governadas pelo senado por meio dos procônsuls. Havia dez províncias senatoriais e um procônsul responsável por cada província. As províncias senatoriais eram: *Acaia, África, Ásia, Chipre, Cirenaica, Gália Narbonense, Hispânia Bética, Macedônia, Ponto e Sicília*.

Por isso a besta tinha *dez* chifres. Os dez chifres era o poder do senado que governava o Império juntamente com o imperador. Mas o texto diz que eram “*dez reis*, os quais *ainda não* receberam o reino, mas receberão autoridade” (Ap 17.12). O motivo disso é que a visão aconteceu no tempo de Nero, alguns anos antes da ascensão de Vespasiano. A duração do governo de cada procônsul era de *um ano*. Os procônsuls que governariam com Vespasiano ainda não tinham

assumido o poder. E seriam estes que atacariam Jerusalém sob a autoridade de Vespasiano:

“E *os dez chifres que viste, e a besta*, estes odiarão a prostituta e a tornarão desolada e nua, e comerão as suas carnes, e *a queimarão no fogo*”. (Apocalipse 17.16)

XII

OS MIL ANOS

“Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos. Lançou-o no abismo, o qual fechou e selou sobre ele, para que não enganasse mais as nações até que os mil anos se completassem. Depois disto é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo”. (Apocalipse 20.2-3)

O número *mil* não deve ser entendido literalmente. Mil significa simplesmente “muitos” (cf. Lv 26.8; Dt 7.9; Sl 50.10; Sl 90.4). O Apóstolo Pedro falou de mil anos como um *símbolo* do longo período de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo:

“Amados, já é esta a segunda carta que vos escrevo; em ambas as quais desperto com admoestações o vosso ânimo sincero; para que vos lembreis das palavras que dantes foram ditas pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, dado mediante os vossos apóstolos; sabendo primeiro isto, que nos últimos dias⁶⁹ virão escarnecedores com zombaria andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação...

⁶⁹ Diferente do que muitos pensam, quando o Novo Testamento menciona os “últimos tempos”, “últimos dias” e termos parecidos, elas estão se referindo a toda a história do mundo a partir da primeira vinda de Jesus Cristo e não somente aos últimos momentos da história antes de sua Segunda Vinda.

Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: *que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia... Virá, pois, como ladrão o dia do Senhor, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão descobertas.* Ora, uma vez que todas estas coisas hão de ser assim dissolvidas, que pessoas não deveis ser em santidade e piedade, aguardando, e desejando ardentemente a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se dissolverão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Nós, porém, segundo a sua promessa, *aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça*". (II Pedro 3.1-4,9,10-13)

Pedro explicou que no decorrer dos últimos dias haveria escarnecedores zombando da *demora* da segunda vinda. Pedro reconheceu que, de fato, a segunda vinda seria demorada, mas somente sob uma perspectiva de tempo humana. Para Deus, que é eterno e está acima do tempo, não há qualquer demora, pois “mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que passou, e como uma vigília da noite”. (Sl 90.4) Sob a perspectiva de tempo humana a segunda vinda de Cristo pareceria demorada e os “mil anos” representa essa aparente demora. Os mil anos da visão do Apocalipse 20 significa a mesma coisa.

Apocalipse 20 fala de Satanás sendo amarrado. Isso também está ligado ao que aconteceu mediante a *primeira* vinda de Jesus Cristo e foi explicado nos Evangelhos:

“Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo *é chegado a vós o Reino de Deus*. Ou, como pode alguém entrar na casa do valente, e roubar-lhe os bens, *se primeiro não amarrar o valente?* e então lhe saquear a casa”. (Mateus 12.28-29)

Aqui Jesus falou da chegada do *Reino de Deus*. Este termo tem diversas aplicações e pode indicar o domínio providencial do Deus Triúno, o domínio universal do Filho de Deus encarnado sobre todas as coisas, o domínio salvífico especial de Cristo sobre Seu povo - a vida, sabedoria, santidade, poder e autoridade que Cristo concede ao Seu povo - e a influência permeadora da Palavra e do Espírito no mundo. O Novo Testamento costuma usar o termo para se referir a esta realidade especial que foi inaugurada com a vinda de Cristo e, portanto, já é uma realidade presente. Cristo explicou que o sinal visível da chegada do Reino de Deus é que ele expulsava demônios. Além disso, ele explicou que o Reino de Deus *não* poderia chegar se “se primeiro não amarrar o valente”. (v. 29) O verbo traduzido aqui como “amarrar” é *δεω* – *deo*. É exatamente o mesmo verbo usado no Apocalipse: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e *amarrou-o* (δεω) por mil anos”. (Ap 20.2) É o mesmo acontecimento. Satanás foi amarrado para que o Reino de Deus fosse instituído.

Os pré-milenistas questionam a ideia de que Apocalipse 20.2 já tenha se cumprindo dizendo que a existência de maldade no mundo prova que Satanás ainda não foi amarrado. Mas Jesus explicitamente disse em Mateus 12.28-29 que o Diabo seria amarrado para que o Reino de Deus fosse instituído. Qualquer interpretação que negue a possibilidade disso já ter acontecido, nega as claras palavras de Jesus. Além disso, Jesus Cristo explicou que a instituição do Reino de Deus não extirparia todo mal *imediatamente*, mas se expandiria *progressivamente* no decorrer da história:

“Outra parábola lhes propôs, dizendo: *O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda* que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; O qual é, realmente, *a menor de todas as sementes*; mas, crescendo, *é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos*. Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, *até que tudo esteja levedado*”. (Mateus 13.31-33)

Em Mateus 12.28-29, Jesus explicou que o Reino de Deus já estava sendo instituído e que para isso acontecer era necessário amarrar Satanás. No capítulo seguinte, ele explicou que o Reino de Deus começa pequeno, sem aparência exterior (cf. Lc 17.20), mas que com o passar do tempo se expande até que toma conta de tudo. Portanto, o fato de ainda existir tanta maldade e pecado no mundo não prova que o Reino de Deus ainda não tenha instituído nem que o Diabo já não tenha sido amarrado. Prova simplesmente que o Reino de Deus ainda não chegou a sua consumação final, mas ainda está em processo de expansão. João Calvino comentou:

“O Senhor abre o seu Reino com um começo fraco e desprezível para o propósito expresso, que seu poder possa ser mais plenamente ilustrado por seu progresso inesperado”.⁷⁰

É importante perceber também que, apesar de Jesus dizer que falar do Diabo como sendo amarrado já na instituição do Reino de Deus, Ele não negou com isso que o Diabo ainda continuaria operando. Para entender como as duas coisas podem ser simultaneamente verdadeiras, precisamos entender *em que sentido* o Diabo é amarrado.

⁷⁰ João Calvino, Harmony of the Gospels, Mateus 13.31.

Apocalipse 20 diz que Satanás seria amarrado “*para que não mais engane as nações*”. (Ap 20.3) Este é o “mistério de Deus” (cf. Ap 10.7), o tema central do livro inteiro: a transferência do reino de Deus a outro povo (cf. Mt 21.41,43), *os gentios*. A transferência foi consumada em 70 AD com a queda de Jerusalém e a destruição do templo. Mas como o Apóstolo Paulo explicou, a conversão das nações se cumpriria progressivamente no decorrer da história: “Pela sua [Israel] queda veio a *salvação aos gentios...* sua queda *é a riqueza do mundo...* a sua rejeição *é a reconciliação do mundo...* o endurecimento veio em parte sobre Israel, *até que a plenitude dos gentios haja entrado*”. (Rm 11.11-12,15,25) E também: “Porque convém que reine *até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés*”. (I Co 15.25) No Evangelho de João encontramos Jesus ensinando o mesmo:

“Ora, *havia alguns gregos, entre os que tinham subido a adorar no dia da festa*. Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e rogaram-lhe, dizendo: *Senhor, queríamos ver a Jesus*. Filipe foi dizê-lo a André, e então André e Filipe o disseram a Jesus. E Jesus lhes respondeu, dizendo: E chegada a hora em que o Filho do homem há de ser glorificado. Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará. Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei. Ora, a multidão que ali estava, e que a ouvira, dizia que havia sido um trovão. Outros diziam: Um anjo lhe falou. Respondeu Jesus, e disse: Não veio esta voz por amor de mim,

mas por amor de vós. *Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.* E dizia isto, significando de que morte havia de morrer”. (João 12.20-33)

Este capítulo narra o fim do ministério público de Jesus. É muito significativo notar que o texto nos diz que *gregos* haviam subido a Jerusalém para adorar a Deus na Páscoa e queriam falar com Jesus. Inicialmente, a reação de Jesus ao saber disso pode parecer um pouco estranha. Os apóstolos Filipe e André avisaram que os gregos queriam falar com Jesus, mas Ele respondeu falando de Sua morte. Isso pode levar alguns a crer que Jesus simplesmente ignorou aqueles homens. Mas quando analisamos Suas palavras mais profundamente, percebemos que ele não ignorou de forma alguma. Ele explicou que o “juízo deste mundo” (v.30) aconteceria quando Ele fosse “levantado da terra” (v. 31), “E dizia isto, significando *de que* morte havia de morrer”. (v. 33) Ele explicou o mesmo para Nicodemos: “E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem *seja levantado*”. (Jo 3.14) O “juízo deste mundo” se refere ao fim do domínio de Satanás sobre as nações (cf. Rm 11) pela instituição do Reino de Deus: “*Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo*”. (Jo 12.31) A instituição do Reino de Deus por meio da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo *significou o fim do domínio de Satanás sobre os gentios* e é neste sentido que ele seria amarrado. Por isso Jesus disse em seguida. “E eu, quando for levantado da terra, *todos atrairei a mim*”. (João 12.32) Com isso, podemos entender que Jesus não ignorou os gregos que queriam falar com Ele, mas explicou que aqueles gregos querendo vê-lo era somente o início de algo muito maior: “a reconciliação do mundo” (Rm 11.15).

Ele respondeu falando de sua morte porque por meio da sua morte iniciaria *a vocação dos gentios*. Isaías falou sobre isso:

“Eis que o meu Servo procederá com prudência; *será levantado*, e elevado, e mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele, *pois o seu parecer estava tão desfigurado*, mais do que o de outro qualquer, e a sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens. Assim *borrifará muitas nações*, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele; *porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão*”. (Isaías 52.13-15)

A vocação das nações por meio da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo não é um assunto isolado no livro do profeta Isaías. É um dos livros do Antigo Testamento que mais enfatizam que quando Jesus Cristo viesse, ele confirmaria e estabeleceria a Lei de Deus como padrão de justiça para todas as nações:

“O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ah, nação pecadora, povo carregado de iniquidade, descendência de malfeitores, filhos que praticam a corrupção! Deixaram o Senhor, desprezaram o Santo de Israel, voltaram para trás. Por que sereis ainda castigados, que persistis na rebeldia? Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã; há só feridas, contusões e chagas vivas; não foram espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo... Ouvi a palavra do Senhor, governadores de Sodoma; dai ouvidos à Lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra... as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavi-vos, purificai-vos; tirai de diante dos meus olhos a maldade dos vossos atos; cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva. Vinde, pois, e arrazoemos, diz

o Senhor: ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã“. (Isaías 1.3-18)

Isaías chegou diante de Israel com uma reclamação da parte de Deus. A rebelião do povo era tão grande que chegaram a ser comparados com Sodoma e Gomorra. Além disso, Isaías enfatizou que a essência da rebelião era a transgressão da Lei de Deus: “Ouvi a palavra do Senhor, governadores de Sodoma; dai ouvidos à Lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra”. (v. 10) E esta não era uma ordem isolada. Por todo o livro, Isaías enfatizou o mesmo:

“Pelo que, como a língua de fogo consome o restolho, e a palha se desfaz na chama assim a raiz deles será como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó; *porque rejeitaram a Lei do Senhor dos exércitos, e desprezaram a Palavra do santo de Israel*. Por isso se acendeu a ira do Senhor contra o seu povo, e o Senhor estendeu a sua mão contra ele, e o feriu; e as montanhas tremeram, e os seus cadáveres eram como lixo no meio das ruas; com tudo isto não tornou atrás a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão”. (Isaías 5.24-25)

“*À Lei e ao testemunho!* Se eles não falarem segundo esta palavra, *é porque não há luz neles*“. (Isaías 8.20)

“Porque este é um povo rebelde, filhos mentirosos, filhos que *não querem ouvir a Lei do SENHOR*“. (Isaías 30.9)

“Quem entregou a Jacó por despojo, e a Israel aos roubadores? Porventura não foi o SENHOR, aquele contra quem pecamos, e nos caminhos do qual não queriam andar, *não dando ouvidos à sua Lei?*” (Isaías 42.24)

Esse é o contexto para entender o que Isaías disse sobre Jesus Cristo. Sobre o sacrifício expiatório de Jesus Cristo na cruz, Isaías profetizou:

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. (Isaías 53.4-5)

Isso remete diretamente ao que havia sido dito na abertura do livro:

“Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres não espremidas, nem ligadas, nem amolecidas com óleo”. (Isaías 1.5-6)

Isaías apresentou a crucificação de Jesus Cristo como o meio pelo qual os transgressores da Lei seriam reconciliados com Deus. E se a rebelião do povo consistia no fato de que eram transgressores da Lei, segue-se que a reconciliação não pode ser entendida de outra maneira se não a transformação espiritual do povo para que passassem a obedecer a Lei. Além disso, Isaías profetizou que a reconciliação não incluiria Israel somente, mas também os gentios:

“Palavra que viu Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e de Jerusalém. E acontecerá *nos últimos dias* que se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e *concorrerão a ele todas as nações*. E *irão muitos povos*, e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; *porque de Sião sairá a Lei*, e de Jerusalém a palavra do SENHOR. E *ele julgará entre as nações*, e *repreenderá a muitos povos*; e *estes converterão as suas espadas em enxadões*

e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”. (Isaías 2.1-4)

Isaías profetizou que com a vinda de Jesus Cristo *nos últimos dias*, Ele confirmaria e estabeleceria a Lei de Deus como padrão de justiça para todas as nações. Atos dos Apóstolos narra o princípio do cumprimento:

“E, cumprindo-se *o dia de Pentecostes*, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? *Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, E Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes*, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus”. (Atos 2.1-11)

É importante lembrar que a efusão do Espírito aconteceu especificamente no *Dia de Pentecostes*. Sob o Antigo Pacto, o Dia de Pentecostes comemorava a entrega dos Dez mandamentos da Lei de

Deus no Monte Sinai. Isso tem ligação direta com aquilo que o Espírito Santo veio fazer e está em conformidade com a profecia de Isaías 2:

“Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. *E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis*“. (Ezequiel 36.25-27)

“Porquanto o que era impossível à Lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; *Para que a justiça da Lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito*. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, *pois não é sujeita à Lei de Deus*, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. *Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito*, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. (Romanos 8.3-9)

Um possível motivo para efusão do Espírito Santo acontecer no Dia de Pentecostes foi porque neste dia os judeus tradicionalmente comemoravam a entrega dos Dez mandamentos da Lei de Deus *e o que o Espírito Santo veio fazer foi precisamente nos capacitar a cumprir esta mesma Lei*. Isso aconteceu “nos últimos dias” (At 2.17) conforme também profetizou Isaías que “de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a Palavra do Senhor”. (Is 2.3) A saída da Lei de Sião significa simplesmente que a

Lei deixaria de estar restrita a Israel somente, mas serviria como padrão de justiça para todas as nações. Isaías enfatiza o mesmo no resto do livro:

“Eis aqui o meu Servo, a quem sustenho, o meu eleito, em quem se apraz a minha alma; pus o meu Espírito sobre ele; *ele trará justiça as nações*. Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça. A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumeça; com verdade trará justiça. Não faltará, nem será quebrantado, *até que ponha na terra a justiça; e as ilhas aguardarão a sua Lei*”. (Isaías 42.1-4)

“Sim, diz ele: Pouco é que sejas o meu Servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os preservados de Israel; *também te porei para luz das nações*, para seres a minha salvação até a extremidade da terra. Assim diz o Senhor, o Redentor de Israel, e o seu Santo, ao que é desprezado dos homens, ao que é aborrecido das nações, ao servo dos tiranos: *Os reis o verão e se levantarão, como também os príncipes, e eles te adorarão, por amor do Senhor, que é fiel, e do Santo de Israel, que te escolheu*. Assim diz o Senhor: No tempo aceitável te ouvi, e no dia da salvação te ajudei; e te guardarei, e te darei por pacto do povo, *para restaurares a terra, e lhe dares em herança as herdades assoladas*”. (Isaías 49.6-8)

“Atendei-me, povo meu e nação minha, inclinai os ouvidos para mim; *porque de mim sairá a Lei, e o meu juízo farei repousar para a luz dos povos*. Perto está a minha justiça, vem saindo a minha salvação, e *os meus braços julgarão os povos; as ilhas me aguardarão, e no meu braço esperarão*. Levantai os vossos olhos para os céus, e olhai para a terra em baixo, porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra se envelhecerá como roupa, e os seus moradores morrerão semelhantemente; porém a minha

salvação durará para sempre, e a minha justiça não será abolida. Ouvi-me, vós que conheceis a justiça, povo *em cujo coração está a minha Lei*; não temais o opróbrio dos homens, nem vos turbeis pelas suas injúrias. Porque a traça os roerá como a roupa, e o bicho os comerá como a lã; mas a minha justiça durará para sempre, e a minha salvação de geração em geração”. (Isaías 51.4-8)

“Eis que o meu Servo procederá com prudência; será levantado, e elevado, e mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele, pois o seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens. *Assim borrifará muitas nações, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão*”. (Isaías 52.13-15)

Isaías diz que isso aconteceria mediante a morte de Jesus Cristo, quando ele fosse “levantado” (cf. Is 52.13; Jo 3.14; 12.32). Mas em nenhum momento ele diz que isso estaria consumado *imediatamente*. O que Isaías diz é que “Ele *julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos*; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”. (Is 2.4) É necessário que Jesus julgue e repreenda as nações. A repreensão dos povos de Isaías 2 deve ser lido a luz das *bênçãos e maldições pactuais*. Quando Deus libertou Israel da escravidão do Egito, Ele revelou, por Sua Lei, que a rebelião dos povos trás os juízos históricos de Deus (cf. Lv 26; Dt 28-29). Se as nações forem obedientes, recebem as bênçãos de Deus e são bem sucedidos no domínio sobre a terra. Se forem desobedientes, recebem maldições. O juízo de Deus não é simplesmente individual sobre aqueles que pecam. É também coletivo e intergeracional. Gerações que dão continuidade ao pecado de seus pais aumentam progressivamente a ira

de Deus até tenham enchido a medida da iniquidade para que o povo seja julgado. Sobre isso, John Knox escreveu:

“Quando eu me recordo das terríveis ameaças de Deus, pronunciadas contra reinos e nações às quais a luz da Palavra de Deus foi oferecida, mas foi desdenhosamente rejeitada (Lv 26.14-39; Mt 10.14-15); enquanto meu coração lamenta com sinceridade por sua atual situação, queridos amados em Nosso Senhor Jesus, todas as forças do corpo e da alma se estremecem pelas pragas que virão... Isto eu afirmo, que fugir da idolatria é tão lucrativo, e tão necessário para o cristão que, a menos que ele faça isso, todo lucro terreno se converterá em perda e perpétua condenação. Lucro pode ser referente aos corpos ou as almas de nós mesmos ou de nossa posteridade. Comodidades corporais consistem nas principais coisas que os homens buscam para o corpo: riquezas, honra, vida longa, saúde e sossego na terra. O único conforto e alegria da alma é Deus por sua Palavra expelindo a ignorância, o pecado e a morte, e no lugar destes plantando o verdadeiro conhecimento d’Ele mesmo e com isso a justiça e vida em Cristo Jesus, Seu Filho. Se o lucro do corpo ou na alma nos move, então é necessário que evitemos a idolatria. Pois é evidente que a alma não tem vida nem conforto se não por Deus somente, com quem os idolatras não tem qualquer comunhão ou participação além do que tem os demônios (I Co 6.9). E ainda que os abomináveis idólatras triunfem por um momento, se aproxima a hora em que a vingança de Deus não ferirá somente a alma, mas até mesmo suas carcaças vis sofrerão pragas, como Ele já ameaçou fazer antes. Suas cidades serão queimadas, suas terras serão devastadas, seus inimigos habitarão em suas fortalezas, suas esposas e filhas serão humilhadas, seus filhos caíram ao fio da espada. Não encontrarão misericórdia porque recusaram o Deus da misericórdia, quando amorosa e pacientemente ele os

chamou (Lv 26.14-19; Jr 6.11-12; Lv 26.1-13)... Mas vocês vão querer saber qual a base de minha certeza; Deus queira que ao ouvi-la vocês compreenderão e crerão firmemente no mesmo. Minha certeza não se baseia nas maravilhas de Merlin, nem nas sentenças obscuras de profecias profanas, mas (1.) a verdade clara da Palavra de Deus, (2.) a justiça invencível do Deus eterno, e (3.) o curso ordinário de seus castigos e pragas desde o princípio, são a base de minha certeza. A Palavra de Deus ameaça a destruição de todos os desobedientes; Sua justiça imutável requer o mesmo. Os castigos e pragas ordinários dão exemplos de como isto acontece (Dt. 28.15-68; Jr. 5.15-17; Am. 3.2, 11-15; Dt. 29.10-29). Sendo assim, qual homem pode deixar de profetizar? A Palavra de Deus fala claramente que se um homem ouvir as maldições da Lei de Deus, e ainda assim, em seu coração, prometer a si mesmo felicidade e boa sorte, pensando que terá paz, ainda que ele ande na imaginação de sua própria vontade e coração; a tal homem Deus não será misericordioso, mas Sua ira se ascenderá contra ele, e destruirá seu nome de debaixo do céu”.⁷¹

A repreensão dos povos para que o mundo fosse convertido começou no princípio dos últimos dias, quando “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás... para que não mais engane as nações” (Ap 20:2). Desde então, Cristo tem repreendido as nações e continuará a fazê-lo “até que a *plenitude* dos gentios haja entrado”. (Rm 11.25). Neste tempo a transformação espiritual e obediência a Lei de Deus será tão grande em todo o mundo que “uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”. (Is 2.4) O Apocalipse profetizou o juízo de Deus sobre dois povos: Israel e a Roma Imperial. “Tudo isto lhes acontecia *como*

⁷¹ John Knox, Selected Writings.

exemplo, e foi escrito *para aviso nosso...*”. (I Co 10.11) É um retrato de como Deus lida com todas as nações.

O Apóstolo Paulo explicou que a conversão nacional de Israel acontecerá após a conversão do mundo inteiro (cf. Rm 11.11-21,15,25) e que isso acontecerá antes da ressurreição final (cf. Rm 11.15). Isaías profetizou sobre como seria esse tempo:

“Mas alegrai-vos e regozijai-vos perpetuamente no que eu crio; *porque crio para Jerusalém motivo de exultação e para o seu povo motivo de gozo. E exultarei em Jerusalém, e folgarei no meu povo*; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor. *Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não tenha cumprido os seus dias*; porque *a criança morrerá de cem anos; mas o pecador de cem anos será amaldiçoado*. E eles edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o fruto delas. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque *os dias do meu povo serão como os dias da árvore*, e os meus escolhidos gozarão por longo tempo das obras das suas mãos: Não trabalharão debalde, nem terão filhos para calamidade; porque serão a descendência dos benditos do Senhor, e os seus descendentes estarão com eles. E acontecerá que, antes de clamarem eles, eu responderei; e estando eles ainda falando, eu os ouvirei. *O lobo e o cordeiro juntos se apascentarão, o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da serpente*”. (Isaías 65.18-25)

O pré-milenismo defende que esta profecia se refere ao mundo no milênio *após* a segunda vinda. Mas isso não pode ser verdade porque Isaías descreve um mundo em que ainda há morte (v. 20) e o Apóstolo Paulo explicou que após a segunda vinda não haverá mais morte nem pecador (cf. I Co 15.24-25,51-55). Mas se a visão é de um mundo em que há morte, então necessariamente tem que se cumprir *antes* da segunda vinda. Isaías previu um tempo em que ainda haveria morte,

mas haveria também *uma longa expectativa de vida*. Se considerarmos a repreensão dos povos de Isaías 2 a luz das bênçãos e maldições pactuais, fica claro o que estas palavras significam. A longevidade é uma das bênçãos do pacto por obediência a Lei de Deus:

“Pelo que hoje debes saber e considerar no teu coração que só o Senhor é Deus, em cima no céu e embaixo na terra; não há nenhum outro. E guardarás os seus estatutos e os seus mandamentos, que eu te ordeno hoje, para que te vá bem a ti, e a teus filhos depois de ti, e *para que prolongues os dias na terra...*” (Deuteronômio 4.39-40)

Se considerarmos que Isaías 65 retrata o estado do mundo logo antes do fim, fica claro que a longa expectativa de vida será fruto da obediência das nações a Deus. “Porque *a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar*. Naquele dia a raiz de Jessé será posta por estandarte dos povos, à qual recorrerão as nações; gloriosas lhe serão as suas moradas”. (Is 11.9-10) O Apóstolo Paulo citou este verso e como se cumprindo no tempo presente, à medida que as nações estão sendo chamadas: “Digo pois que Cristo foi feito ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia, como está escrito... *Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para reger os gentios; nele os gentios esperarão*”. (Rm 15.8-13)

Os amilenistas costumam argumentar que a profecia de Isaías 65 parece utópica demais para que seja entendida literalmente. Primeiro, a visão fala de uma expectativa de vida que não é somente longa, mas ultrapassa todos os limites do otimismo, além de todas nossas imaginações. Pessoas morrendo aos cem anos são descritas como *crianças* (v. 20) e morrer com essa idade é tratado como uma maldição contra os ímpios. Já o tempo de vida dos justos será “como os dias da

árvore” (v. 22). Além disso, a visão fala de animais selvagens e carnívoros completamente mansos e se alimentando como se fossem herbívoros. Não é utopia demais imaginar que o mundo ainda será assim?

Dizer que a perspectiva de um mundo assim não pode ser outra coisa senão utopia é ignorar os primeiros capítulos do livro de Gênesis. Na genealogia de Gênesis 5 aos patriarcas que viveram antes do dilúvio havia uma esperança de vida média de cerca de *900 anos*. Não há nada fantasioso ou utópico sobre isso. O que é fantasioso e mitológico é a noção moderna de que a raça humana é um mero fruto de forças cegas da natureza, que seus ancestrais eram animais e que a morte é *natural*. A morte não é natural porque não fez parte da criação original de Deus. Foi o castigo de Deus por causa da rebelião de nossos primeiros pais. Antes do dilúvio tal castigo não era aplicado se não depois de muitos séculos e os homens viviam por quase um milênio. E o estado em que nos encontramos agora é simplesmente fruto da *maldição* de Deus pairando sobre toda criação. Da mesma forma, não há nada de utópico ou fantasioso sobre um mundo em que animais selvagens e carnívoros serão mansos e se alimentarão como se fossem herbívoros. No princípio do mundo os animais não se alimentavam de carne e nem eram hostis, mas eram mansos e herbívoros: “E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todo ser vivente que se arrasta sobre a terra, *tenho dado todas as ervas verdes como mantimento*”. (Gn 1.30-31) Jesus Cristo veio ao mundo para restaurar aquilo restaurar tudo o que foi perdido em Adão. É isso o que Ele está fazendo agora ao conduzir todas as nações a obediência a Lei de Deus. À medida que a história avança, os povos serão conduzidos à maior obediência. Assim, a maldição adâmica é revertida e o mundo experimentará cada vez mais as bênçãos do pacto adquiridas por Cristo na cruz. Como está escrito:

“Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Portanto, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação e vida. Porque, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um muitos serão constituídos justos”. (Romanos 5.17-19)

XIII

AS DUAS RESSURREIÇÕES

“E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição”. (Apocalipse 20.4-5)

Esta visão descreve as duas ressurreições. A segunda inclui os ímpios, mas a primeira não. Os pre-milenistas argumentam que as duas ressurreições serão *físicas*, que a primeira será na segunda vinda de Cristo, incluindo somente os crentes, e que a segunda acontecerá mil anos depois da primeira. Mas o apóstolo Paulo explicou que o último inimigo – a morte – será derrotado na segunda vinda de Cristo e que quando isso acontecer todas as coisas estarão sujeitas a Deus (cf. 15.25-28, 52-55). Além disso, o próprio Jesus explicou que a ressurreição física dos justos e dos ímpios acontecerá simultaneamente:

“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, *tem a vida eterna*, e não entrará em condenação, mas *passou da morte para a vida*. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e *agora é*, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo; E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem. Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. *E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação*”. (João 5.24-29)

Aqui Jesus fala de duas ressurreições. A primeira é *espiritual* e a segunda é *física*. A primeira, diz Ele, *já estava* acontecendo. “quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, *tem a vida eterna*, e não entrará em condenação, mas *passou da morte para a vida*... vem a hora, e *agora é*, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão”. (v. 24-25) Ele explica que aqueles que ressuscitam espiritualmente, não sofrerão a condenação eterna. A questão das duas ressurreições também mencionada na conversa entre Jesus e Marta antes de ressuscitar Lázaro:

“Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição *do último dia*. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E *todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá*”. (João 11.24-26)

Marta falou da ressurreição do *último dia*. Essa é a ressurreição física que acontecerá na segunda vinda de Cristo. Jesus respondeu falando da ressurreição espiritual de todo aquele que nele crê. Estes podem morrer fisicamente, mas nunca mais poderão morrer *espiritualmente*.

Mesmo mediante a morte física são transportados ao céu e continuam a viver espiritualmente com Deus.

A questão das duas ressurreições é um tema central no Novo Testamento. Fisicamente, todos irão ressuscitar - eleitos e réprobos. Mas os que não tiveram passados pela ressurreição espiritual na história sofrerão a condenação eterna. Este é o significado das palavras do Apocalipse: “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; *sobre estes não tem poder a segunda morte*”. (Ap 20.6) E também: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer *não receberá o dano da segunda morte*”. (Ap 2.11)

Apocalipse 20 diz também que estes assentariam em tronos. É importante notar que a visão não diz que todos os que se assentaram sobre tronos eram os que “foram degolados”. Sem dúvidas, a visão dá uma atenção especial a eles, mas não há nada que mostre que isso seja algo restrito a eles. Inicialmente, é dito somente que “assentaram-se sobre eles”, mas sem indicar exatamente quem e sem restringir isso aos mártires. Somente depois João viu os mártires. S. Paulo escreveu:

“E *vos vivificou*, estando vós *mortos em ofensas e pecados*, Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também. Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, *Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo* (pela graça sois salvos), *E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais*, em Cristo Jesus; Para mostrar nos

séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus”. (Efésios 2.1-7)

Aqui S. Paulo não falou da ressurreição física que acontecerá no fim do mundo, mas de nossa ressurreição espiritual que acontece *na história*. Além disso, ele explicou que em nossa ressurreição espiritual, Deus “nos fez *assentar nos lugares celestiais*, em Cristo Jesus”. Ele não disse que ainda assentariamos lá, mas que já estamos assentados lá. Sem dúvidas, não estamos *literalmente* assentados no céu. Mas espiritualmente *já reinamos com* Cristo por meio de nosso novo nascimento. Esse é o significado primário do que diz na visão do Apocalipse: “serão *sacerdotes* de Deus e de Cristo, e *reinarão* com ele mil anos”. (Ap 20.6) Assim como Jesus Cristo ofereceu a si mesmo como sacrifício, todos os cristãos são espiritualmente *sacrificados* para que possam ressuscitar para uma nova vida com Deus. Não é um sacrifício literal, da mesma forma que nosso novo nascimento não é literal. É o sacrifício de nossa velha vida de rebelião contra Deus e a ressurreição do novo homem. Da mesma forma que as Escrituras revelam que o sacerdócio de Cristo foi o meio pelo qual seu Reino foi estabelecido, o Apocalipse revela que é por nosso sacrifício vivo de entrega a Deus que ele “nos *fez* reis e sacerdotes” (Ap 1.6). Como reis e sacerdotes, já estamos figuradamente assentados com Jesus Cristo, administrando o serviço em seu templo celestial (cf. Ap 4.4). A conversa de Jesus com a mãe de Tiago e João deixa isso ainda mais claro:

“Então se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o, e fazendo-lhe um pedido. E ele diz-lhe: Que queres? Ela respondeu: *Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino*. Jesus, porém, respondendo, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado? Dizem-lhe eles: Podemos. E

diz-lhes ele: Na verdade bebereis o meu cálice e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado, mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aqueles para quem meu Pai o tem preparado”. (Mateus 20.20-23)

Jesus respondeu a mãe dos apóstolos fazendo alusão aos dois sacramentos – o batismo e a ceia. Sem dúvidas, Ele mencionou os sacramentos somente de maneira *figurada* para se referir a Sua morte: “Importa, porém, que seja *batizado com um certo batismo*; e como me angustio até que venha a cumprir-se!” (Lc 12.50) “Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo. E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim *este cálice*; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres”. (Mt 26.38-39) Assentar-se com Cristo aqui também não deve ser entendido literalmente, mas é uma referência à domínio dos santos no Reino de Deus. Como ele explicou logo em seguida:

“Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. *Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal*; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, *seja vosso servo*; Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos”. (Mateus 20.25-28)

Aqui Jesus estava refutando a carnalidade da mãe dos apóstolos. Se eles quisessem ser grandes no Reino de Deus, deveriam se lembrar de que o próprio Mestre não recebeu o Reino se não por sua morte. O caminho do Reino não é um caminho de exaltação pessoal, como os

dominadores pagãos, mas é o caminho da autonegação, de *tomar a cruz de Cristo*, isto é, de exercer o *sacerdócio real*. O domínio que estes discípulos exerceriam seria no *ofício apostólico*. Eles se assentariam em tronos ainda em vida. Este seria o trono no qual assentariam.

Mas a visão do Apocalipse dá ênfase especial aos mártires do Império Romano: “E vi as almas daqueles que *foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos*; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos”. (Ap 20.4) A resistência do cristão a mentalidade iniqua no meio em que vive poderá literalmente lhe custar à vida. A vasta maioria dos cristãos que vive no Ocidente do século XXI não tem condições de sequer começar a imaginar o que isso significa. Mas ainda é um perigo constante para muitos cristãos em muitas partes do mundo. Mas ainda que uma minoria seja literalmente martirizada, todos são chamados ao *espírito* do martírio: a fidelidade incondicional a Deus ainda que isso custe o nosso bem estar. E mesmo sendo mortos na carne, os mártires são imediatamente transportados a presença de Cristo no santuário celestial para a vida e o reino com Cristo:

“Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, *temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus*. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito. Por isso estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor

(Porque andamos por fé, e não por vista). Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor. Pois que muito desejamos também ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes”. (II Coríntios 5.1-9)

“Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam *diante do trono, e perante o Cordeiro*, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro... E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são, e de onde vieram? E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. *Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo*; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima”. (Apocalipse 7.9-17)

“E vi outro grande e admirável sinal *no céu*... E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também *os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome*, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo;

por isso todas as nações virão, e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos”. (Apocalipse 15.1-4)

Um fato interessante é que imediatamente depois de falar da primeira ressurreição na carta aos Efésios, S. Paulo falou da vocação dos gentios:

“Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo *éreis gentios* na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens; Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. *Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.* Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um... E, vindo, ele evangelizou a paz, a vós que estáveis longe, e aos que estavam perto... Porque por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito. Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus... Por isso, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do *mistério de Cristo*, O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; A saber, que *os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho*”. (Efésios 2.11-19; 3.4-6)

Isso significa que Efésios 2 e Apocalipse 20 falam essencialmente da mesma coisa: *a primeira ressurreição* e *a vocação dos gentios*. Como Jesus explicou para Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em mim, *nunca morrerá*”. (João 11.25-26) Aqueles que morrem em Cristo, não morrem verdadeiramente, pois são transportados para a vida com

Deus no céu. Contra estes não virá a segunda morte, pois foram feitos reis e sacerdotes do Cordeiro!

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo**Desmascarando o Dogma Dispensacionalista**

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usfrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrista.org/artigos.htm

Nossos e-book's com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrista.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrista.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrista.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servi-lo no endereço:

www.revistacrista.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org